

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

**Cana-de-
açúcar**

V. 4 - SAFRA 2017/18 N.2 - Segundo levantamento | **AGOSTO 2017**



Monitoramento agrícola – Cana-de-açúcar

Presidência da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Jade Oliveira ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

**Cana-de-
açúcar**

V.4 - SAFRA 2017/18 - N.2 - Segundo levantamento | **AGOSTO
2017**

Monitoramento agrícola – Cana-de-açúcar

ISSN 2318-7921

Acomp. safra bras. cana, v. 4 - Safra 2017/18, n. 2 - Segundo levantamento, Brasília, p. 1-73, agosto 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7921
Impresso no Brasil

Colaboradores

Flavia Machado Starling Soares (Gefab/Sugof)

Colaboradores das Superintendências

AC–Robson de Oliveira Galvão

AL – Antônio de Araújo Lima Filho, Ilo Aranha Fonsêca e Lourival Barbosa de Magalhães;

AM –José Humberto Campos de Oliveira e Pedro Jorge Benício Barros;

BA –Aurendir Medeiros de Medeiros, Ednabel Caracas Lima, Gerson Araújo dos Santos, Israel Cerqueira Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro;

CE –Gilson Antônio de Sousa Lima;

ES –Ismael Cavalcante Maciel Junior e Kerley Mesquita de Souza;

GO –Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Lucas Rocha, Manoel Sobrinho, Michel Lima, Rogério César Barbosa e Sued Wilma Melo;

MA –Dônavan Nolêto, Valentino Campos, José Francisco Neves;

MT –Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Sizenando Santos;

MS –Edson Yui, Fernando Augusto Pinto da Silva, Márcio Arraes e Mauricio Ferreira Lopes;

MG –Márcio Carlos Magno, Pedro Pinheiro Soares e Túlio Marcos de Vasconcellos;

PA –Alexandre Cidon;

PB –Juarez de Oliveira Nobrega, Ana Paula Alves Cordeiro;

PR –José Segundo Bosqui, Rafael Rodrigues Fogaça, Luiz Carlos Vissoci e Rodrigo Linhares Leite;

PE – Daniele de Almeida Santos, Francisco Almeida Filho;

PI –Hélcio Freitas, José Júnior, Monica Batista e Thiago Miranda;

RJ –Jorge Antonio de Freitas Carvalho;

RN –Luís Gonzaga Araújo e Costa e Manoel Edelson de Oliveira;

RS –Carlos Bestetti;

RO –Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper e Niécio Campanati Ribeiro;

SE – José de Almeida Lima Neto, José Bonfimm Oliveira Santos Junior;

SP –Antônio Carlos Farias, Cláudio Lobo de Ávila, Elias Tadeu de Oliveira e Marisete Breviglieri;

TO –Samuel Valente Ferreira;

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Fabiano Borges de Vasconcellos e Cleverton Santana

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar. – v. 1 – Brasília : Conab, 2013- v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de abr/2014.

ISSN 2318-7921

1. Cana-de-açúcar. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área ----- 12



4. Estimativa de produtividade -----14



5. Estimativa de produção de cana-de-açúcar ----- 15



6. Estimativa de produção de açúcar -----18



7. Estimativa de produção de etanol----- 21



8. Açúcar total recuperável (ATR) ----- 28



9. Monitoramento agrícola ----- 31



10. Avaliação por estado ----- 41

10.1 Acre-----	41
10.2. Alagoas -----	41
10.3. Amazonas-----	42
10.4. Bahia-----	42
10.5. Ceará-----	44
10.6. Espírito Santo-----	44
10.7. Goiás -----	45
10.8. Maranhão -----	46
10.9 Mato Grosso -----	46
10.10. Mato Grosso do Sul -----	46
10.11. Minas Gerais -----	48
10.12. Paraíba -----	48
10.13. Paraná -----	49
10.14. Pernambuco -----	50
10.15. Rio Grande do Norte -----	51
10.16. Rio Grande do Sul -----	52
10.17. Rondônia -----	52
10.18. São Paulo -----	52
10.19. Sergipe -----	54
10.20. Tocantins -----	56



11. Sistema de colheita ----- 57



12. Exportações e importações ----- 61



13. Oferta e demanda ----- 66





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção de cana-de-açúcar, estimada para a safra 2017/18, é de 646,4 milhões de toneladas. Redução de 1,7% em relação à safra anterior.

A área a ser colhida está estimada em 8,77 milhões de hectares, queda de 3,1%, se comparada com a safra 2016/17.

A produção de açúcar deverá atingir 39,39 milhões de toneladas, aumento de 1,8% ao produzido na safra 2016/17, continuando favorecida pela conjuntura favorável.

A produção de etanol ser de 26,12 bilhões de litros, redução de apenas 6,1% em razão da preferência pela produção de açúcar.

A produção de etanol anidro, utilizada na mistura com a gasolina, deverá ter aumento de 0,2%, alcançando 11,1 bilhões de litros, influenciada pela manutenção do consumo de gasolina em detrimento ao etanol hidratado.

Para a produção de etanol hidratado o total foi de 15,02 bilhões de litros, redução de 10,2% ou 1,71 bilhão de litros, resultado do menor consumo deste combustível.

Sudeste: nessa região a área colhida deverá ser inferior à safra anterior, reflexo da redução de área disponível para a colheita. A expectativa é dos patamares de produtividade em relação safra anterior. Produção de 420,71 milhões de toneladas de cana-de-açúcar

processadas, 3,5% inferior à safra 2016/17.

Centro-Oeste: a região deve manter a área colhida em relação à safra passada. Assim, como na Região Sudeste, há estimativa de melhora nos patamares de produtividades. Produção 136,66 milhões de toneladas, aumento de 2,5%.

Nordeste: a região deve recuperar parte da área que não foi colhida na safra anterior. Espera-se uma recuperação na produtividade, também impactada pelo deficit hídrico na safra 2016/17. Produção de 45,46 milhões de toneladas.

Sul: a região apresenta queda de 2,7% na área a ser colhida na safra 2017/18, principalmente nas áreas de fornecedores que estão sendo reconvertidas para produção de grãos e áreas que não podem ser mecanizadas. Estimativa de 38,77 milhões de toneladas a serem processadas.

Norte: responsável por menos de 1% da produção nacional, a área cultivada deve ser a mesma da safra 2016/17. Expectativa de produtividades melhores e produção de 3,74 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

De modo geral, há uma maior conscientização das pessoas em relação ao meio ambiente. Nesse contexto, a agroindústria sucroalcooleira mostra-se muito favorável, além disso, o etanol é um combustível ecologicamente correto e é obtido de fonte renovável. A diferença começa na sua queima, ela emite menos gases poluentes na atmosfera, pelo fato do etanol ser derivado da cana-de-açúcar.

Atualmente, a cana-de-açúcar é considerada uma das grandes alternativas para o setor de biocombustíveis devido ao grande potencial na produção de etanol e aos respectivos subprodutos. Além da produção de etanol e açúcar, as unidades de produção têm buscado operar com maior eficiência, inclusive com geração de energia elétrica, auxiliando na redução dos custos e contribuindo para a sustentabilidade da atividade.

O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, tendo grande importância para o agronegócio brasileiro. O aumento da demanda mundial por etanol, oriundo de fontes renováveis, aliado às grandes áreas cultiváveis e condições edafoclimáticas favoráveis à cana-de-açúcar, tornam o Brasil um país promissor para a exportação dessa commodity.

Com o propósito fundamental de abastecer com informações e os conhecimentos relevantes que auxiliem o governo federal a gerir as políticas públicas voltadas para o setor sucroalcooleiro, além de fornecer dados importantes ao próprio setor e diante de um consenso da importância estratégica, econômica e de liderança que o setor sucroalcooleiro tem para o Brasil e da necessidade de ser mantida parceria permanente

entre o setor público e o setor privado na condução deste assunto, a Conab, no âmbito do acordo de cooperação com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), promove desde 2005 levantamentos e avaliações trimestrais da safra brasileira de cana-de-açúcar.

É bom ressaltar que, no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas canaveiras, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

De acordo com a metodologia empregada pela Conab, este boletim é elaborado com informações coletadas por técnicos da Companhia em visita às unidades de produção em atividade. Este contato com as fontes de informação permite manter os dados atualizados de área cultivada, produtividade por unidade de área, por corte e desempenho industrial de cada unidade de produção. Os dados coletados representam um retrato dos dados repassados pelos técnicos das próprias unidades de produção. Esses dados são consolidados e publicados por Unidade da Federação, cumprindo acordo entre a Companhia e as diversas unidades

de produção, com o objetivo de manter sigilo nas informações individuais, uma vez que elas têm caráter confidencial e estratégico para cada unidade. A tarefa fundamental é analisar a consistência dos números coletados por unidade, efetuar a totalização por estado produtor e assim, repassar para o mercado a produção nacional consolidada.

São quatro levantamentos divulgados anualmente, uma vez que no primeiro são pesquisados dados como: área em produção, área expandida, área renovada, produtividade, produção, capacidade industrial, energia gerada e consumida, tipo de colheita, desenvolvimento vegetativo da cultura, intenção de esmagamento, quantidade de cana destinada à produção de açúcar e à produção de etanol, dentre outros. O segundo e terceiro levantamentos têm a finalidade de ajustar os dados estimados no primeiro levantamento, apurar as causas das possíveis alterações e após a consolidação das informações, estabelecer e atualizar a estimativa da safra de cana-de-açúcar e dos produtos dela originados. No quarto levantamento será realizada a consolidação dos números finais da safra de cana-de-açúcar, agregando uma eventual produção residual nas Regiões Norte e Centro-Sul e o encerramento da colheita na Região Nordeste.





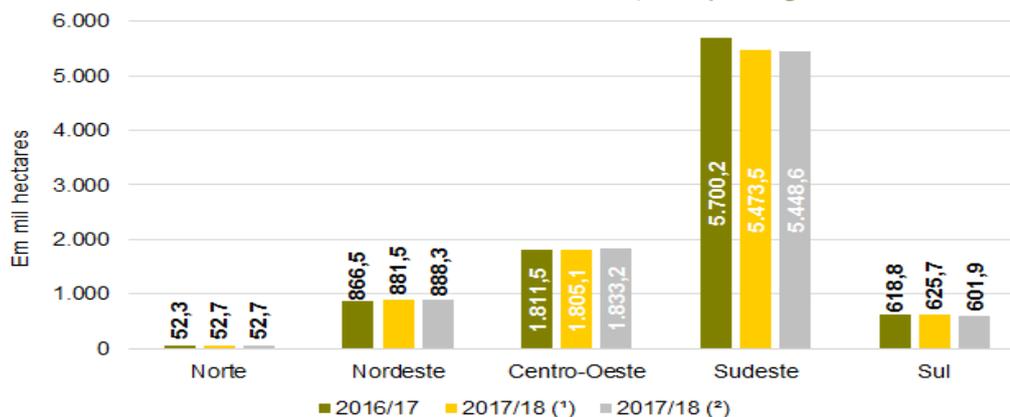
3. ESTIMATIVA DE ÁREA

Neste segundo levantamento da safra 2017/18 a estimativa é que o Brasil colha 8.766,5 mil hectares de cana-de-açúcar destinada à atividade sucroalcooleira, ou seja, 3,1% menor em relação ao ocorrido no exercício anterior. A menor área plantada derivou do desempenho da Região Centro-Sul (-3,7%), particularmente de São Paulo (-5,5%), maior produtor nacional devido à baixa renovação de canaviais, acrescida de problemas climáticos no ano passado, como seca e geadas, e devolução de terras arrendadas por parte de algumas unidades de produção.

A diminuição de área em Goiás tem relação com as áreas de expansão para a cultura em Goiás estão diminuindo a cada safra, principalmente aquelas próximas às usinas de esmagamento, uma vez que o ideal é que a área colhida esteja até 40 km da unidade de produção. No entanto, nas áreas onde se observa a renovação, essa prática está sendo realizada com a utilização de novas variedades, mais resistentes a pragas e doenças, além de mais produtivas.

Em Minas Gerais, a área total estimada de cultivo é de 825,5 mil hectares, e desse total, 62% se referem a áreas próprias das usinas e 38% às de fornecedores. De acordo com informações das unidades, existem projetos de renovação e principalmente de expansão nas áreas de cultivo no estado. Pode-se perceber redução de área pela ocupação temporária da área de cana-de-açúcar pela cultura do sorgo e do amendoim, visando reestruturação da fertilidade do solo.

Gráfico 1 - Estimativa de área colhida de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 1 – Área de mudas, plantio e colheita - Safras 2016/17 e 2017/18

REGIÃO/UF	Área de mudas (em mil ha)			Área de plantio (em mil ha)			Área colhida (em mil ha)			Área total (em mil ha)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %
NORTE	2,0	4,0	104,3	10,8	11,2	3,1	52,3	52,7	0,7	65,1	67,9	4,2
RO	0,2	0,1	(64,9)	0,5	0,5	(1,8)	3,4	2,5	(26,3)	4,1	3,1	(25,1)
AC	-	0,0	-	0,3	-	(100,0)	2,2	1,9	(11,6)	2,5	1,9	(20,9)
AM	0,5	0,3	(28,0)	1,1	1,2	5,5	3,6	3,6	(0,6)	5,1	5,0	(1,7)
PA	0,7	1,2	61,2	3,0	3,5	17,3	11,1	13,9	24,9	14,9	18,6	25,1
TO	0,6	2,5	292,9	5,9	6,0	1,0	32,0	30,8	(3,8)	38,6	39,2	1,7
NORDESTE	16,3	16,1	(1,3)	80,5	85,6	6,3	866,5	888,3	2,5	963,2	989,9	2,8
MA	1,3	0,6	(52,8)	7,4	9,3	24,8	39,4	38,5	(2,4)	48,2	48,4	0,4
PI	0,6	-	(100,0)	2,5	2,8	12,2	15,2	15,6	2,8	18,3	18,4	0,7
CE	0,1	0,1	-	-	-	-	1,4	0,8	(41,6)	1,4	0,9	(40,1)
RN	0,4	2,6	510,5	7,6	9,1	20,1	48,4	55,2	13,9	56,4	66,8	18,5
PB	1,8	2,1	19,1	11,2	11,0	(2,4)	110,3	125,0	13,3	123,4	138,0	11,9
PE	3,8	3,5	(7,4)	17,2	19,3	12,3	243,7	240,7	(1,2)	264,6	263,5	(0,4)
AL	5,4	4,9	(9,5)	24,4	25,3	3,7	322,2	325,2	0,9	352,0	355,4	1,0
SE	1,2	1,1	(13,9)	7,2	2,8	(61,5)	45,9	44,0	(4,1)	54,3	47,8	(11,9)
BA	1,7	1,2	(26,8)	5,9	6,0	1,9	40,0	43,4	8,4	47,6	50,6	6,3
CENTRO-OESTE	60,0	72,8	21,2	228,0	285,2	25,1	1.811,5	1.824,3	0,7	2.099,5	2.182,2	3,9
MT	6,0	6,2	3,9	26,7	29,6	11,0	229,9	233,1	1,4	262,6	268,9	2,4
MS	17,5	27,9	59,7	81,5	97,6	19,7	619,0	660,4	6,7	718,0	785,9	9,5
GO	36,6	38,6	5,6	119,8	158,0	31,9	962,6	930,8	(3,3)	1.118,9	1.127,4	0,8
SUDESTE	161,3	159,9	(0,9)	633,3	694,8	9,7	5.700,2	5.399,5	(5,3)	6.494,8	6.254,2	(3,7)
MG	25,5	23,7	(7,3)	104,5	107,3	2,7	853,1	825,5	(3,2)	983,1	956,5	(2,7)
ES	1,7	1,6	(8,0)	5,4	11,5	112,4	47,5	47,2	(0,6)	54,7	60,3	10,3
RJ	0,5	0,3	(35,7)	3,9	4,2	7,7	26,5	17,5	(33,8)	30,8	22,0	(28,6)
SP	133,6	134,4	0,6	519,5	571,8	10,1	4.773,2	4.509,2	(5,5)	5.426,3	5.215,4	(3,9)
SUL	20,2	29,2	45,0	66,2	107,2	61,9	618,8	601,9	(2,7)	705,1	738,3	4,7
PR	20,1	29,2	45,2	65,0	107,0	64,6	617,7	600,8	(2,7)	702,8	736,9	4,9
RS	0,1	0,1	(23,1)	0,2	0,2	-	1,1	1,1	-	1,4	1,3	(1,1)
NORTE/NORDESTE	18,3	20,1	10,1	91,3	96,7	5,9	918,8	940,9	2,4	1.028,3	1.057,8	2,9
CENTRO-SUL	241,5	261,9	8,4	930,0	1.087,2	16,9	8.130,4	7.825,6	(3,7)	9.302,0	9.174,7	(1,4)
BRASIL	259,8	282,0	8,6	1.021,3	1.184,0	15,9	9.049,2	8.766,5	(3,1)	10.330,3	10.232,5	(0,9)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.

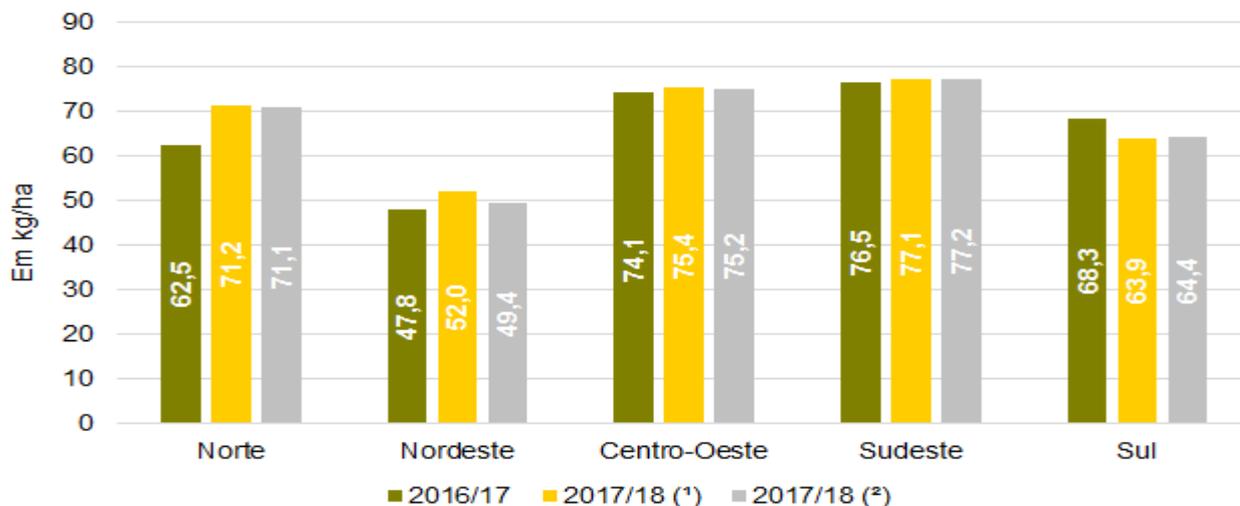




4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A produtividade estimada para a temporada 2017/18 é de 73.728 kg/ha. O incremento observado em relação à safra passada (1,5%) é decorrente da expectativa de recuperação das lavouras na Região Norte-Nordeste (7,5%) e, em menor escala, na Região Centro-Sul, principal produtora nacional (1,3%), em comparação com o observado na safra passada. As causas estão relacionadas às boas condições climáticas a partir de outubro de 2016 que favoreceram o desenvolvimento das lavouras e o investimento tecnológico das unidades com o uso de variedades mais produtivas e melhores tratos culturais..

Gráfico 2 - Estimativa de produtividade de cana-de-açúcar por região



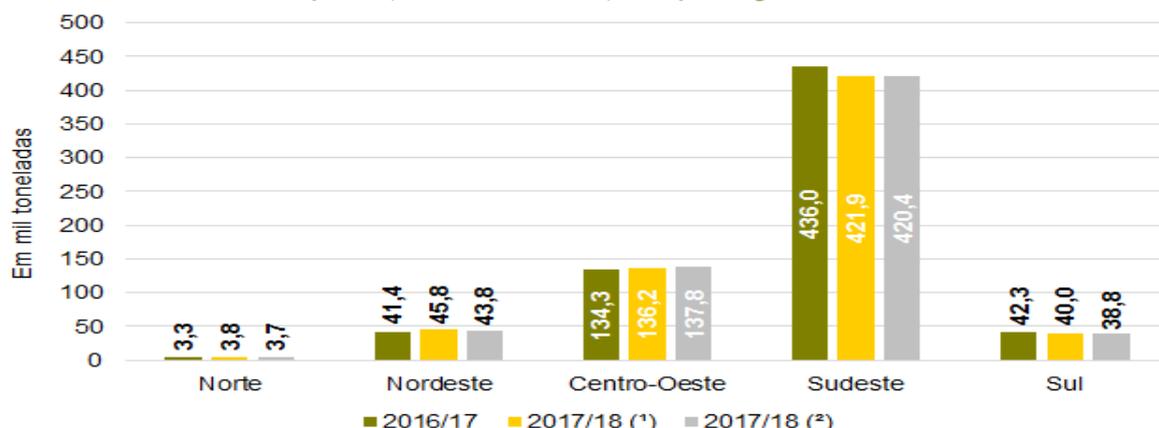
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.



5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR

A estimativa de produção de cana-de-açúcar, na safra 2017/18, apresenta um decréscimo de 1,7%, em relação à safra passada. Isso equivale a uma produção de 646,34 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, ante aos 657,18 milhões da safra 2016/17. Mesmo com a expectativa de melhoria da produtividade, a na redução de área, observada nos principais estados produtores da Região Centro-Sul, será responsável pela expectativa de menor produção, quando se compara com o período anterior.

Gráfico 3 – Estimativa de produção de cana-de-açúcar por região



Fonte: Conab.
Nota: estimativa em agosto/2017.

Tabela 2 - Comparativo de área, produtividade e produção

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %	Safra 2016/17	Safra 2017/18	VAR. %
NORTE	52,3	52,7	0,7	62.465	71.095	13,8	3.266,30	3.743,89	14,6
RO	3,4	2,5	(26,4)	39.942	42.744	7,0	136,6	107,7	(21,1)
AC	2,2	1,9	(11,4)	29.676	55.759	87,9	64,1	106,5	66,1
AM	3,6	3,6	(0,6)	72.758	77.413	6,4	261,2	276,4	5,8
PA	11,1	13,9	24,9	64.492	67.488	4,6	717,8	938,1	30,7
TO	32,0	30,8	(3,9)	65.227	75.267	15,4	2.086,6	2.315,2	11,0
NORDESTE	866,5	888,3	2,5	47.822	51.179	7,0	41.437,7	45.460,7	9,7
MA	39,4	38,5	(2,4)	46.723	53.287	14,0	1.842,3	2.050,5	11,3
PI	15,2	15,6	2,8	50.099	61.994	23,7	760,5	967,1	27,2
CE	1,4	0,8	(41,6)	54.015	50.000	(7,4)	74,0	40,0	(45,9)
RN	48,4	55,2	14,0	40.804	46.696	14,4	1.974,9	2.575,3	30,4
PB	110,3	125,0	13,3	44.014	49.535	12,5	4.856,1	6.189,4	27,5
PE	243,7	240,7	(1,2)	48.530	49.279	1,5	11.825,8	11.860,4	0,3
AL	322,2	325,2	0,9	49.754	51.811	4,1	16.030,6	16.850,6	5,1
SE	45,9	44,0	(4,1)	37.203	39.902	7,3	1.706,5	1.755,3	2,9
BA	40,0	43,4	8,4	59.131	73.106	23,6	2.367,0	3.172,1	34,0
CENTRO-OESTE	1.811,5	1.824,3	0,7	74.118	75.460	1,8	134.260,3	137.658,8	2,5
MT	229,9	233,1	1,4	71.093	72.685	2,2	16.341,5	16.940,0	3,7
MS	619,0	660,4	6,7	81.251	76.394	(6,0)	50.292,0	50.453,7	0,3
GO	962,6	930,8	(3,3)	70.253	75.492	7,5	67.626,8	70.265,1	3,9
SUDESTE	5.700,2	5.399,5	(5,3)	76.481	77.916	1,9	435.957,5	420.705,7	(3,5)
MG	853,1	825,5	(3,2)	74.636	78.148	4,7	63.670,3	64.513,8	1,3
ES	47,5	47,2	(0,6)	28.560	44.788	56,8	1.356,9	2.114,9	55,9
RJ	26,5	17,5	(33,8)	38.004	72.709	91,3	1.005,2	1.273,1	26,7
SP	4.773,2	4.509,2	(5,5)	77.501	78.241	1,0	369.925,1	352.803,9	(4,6)
SUL	618,8	601,9	(2,7)	68.299	64.414	(5,7)	42.262,2	38.768,3	(8,3)
PR	617,7	600,8	(2,7)	68.348	64.442	(5,7)	42.216,7	38.713,5	(8,3)
RS	1,1	1,1	-	40.991	49.369	20,4	45,5	54,8	20,4
NORTE/NORDESTE	918,8	940,9	2,4	48.656	52.294	7,5	44.704,0	49.204,6	10,1
CENTRO-SUL	8.130,4	7.825,6	(3,7)	75.332	76.305	1,3	612.480,0	597.132,8	(2,5)
BRASIL	9.049,2	8.766,5	(3,1)	72.623	73.728	1,5	657.184,0	646.337,4	(1,7)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.



Acompanhamento quinzenal da moagem

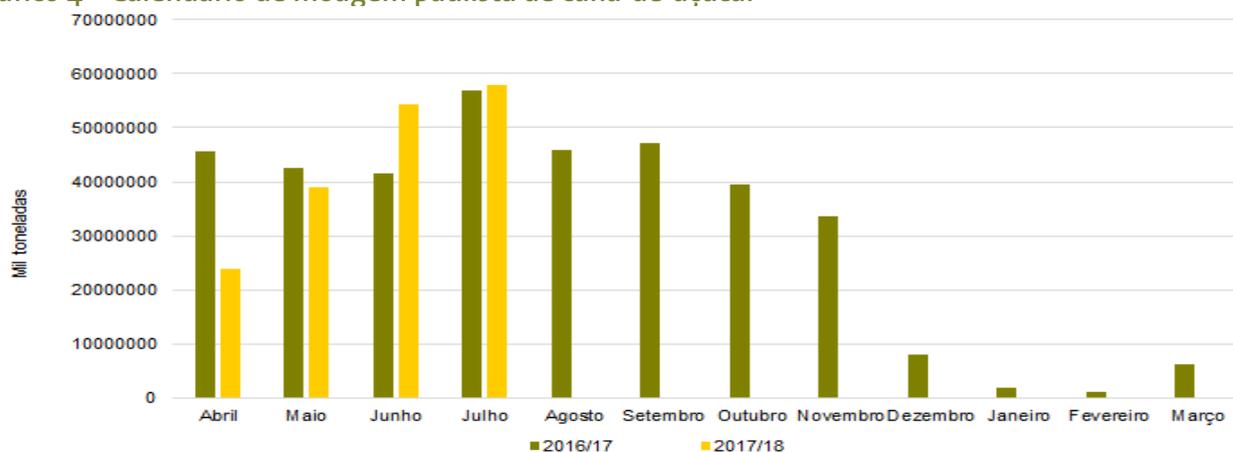
O Brasil deve produzir, na presente safra, 646.337,4 mil toneladas de cana-de-açúcar. Esse volume é 1,7% inferior à moagem da safra 2016/17 em razão, principalmente, do maior volume de cana bisada moída naquela safra.

As unidades sucroalcooleiras, particularmente as situadas em São Paulo, listadas entre as maiores do setor, voltam gradativamente a elevar seus investimentos em projetos ligados à melhoria da produtividade, maximização na produção de açúcar, aumento da disponibilidade de cana, produção de biogás e em novos

projetos de logística e infraestrutura para açúcar e etanol, buscando aproveitar o bom momento dos preços no mercado internacional de açúcar e numa menor escala para o etanol anidro no mercado interno, objetivando minimizar a forte alavancagem existente no setor.

São Paulo, responsável por 54% da cana-de-açúcar processada, concentra o maior polo sucroalcooleiro do país. O calendário de moagem nesse estado se concentra de abril a novembro.

Gráfico 4 – Calendário de moagem paulista de cana-de-açúcar

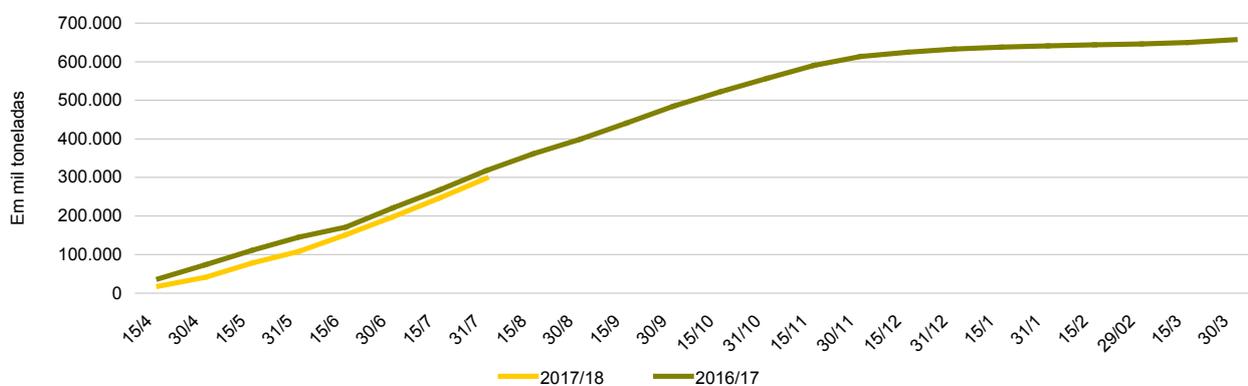


Fonte: Conab.

Segundo os dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a moagem no Brasil foi de 297.771,8 mil toneladas até 31 de julho de 2017, ou seja, cerca de 46% da safra total estimada. No mesmo período da safra passada havia sido moídos 317.623,4

mil toneladas, ou seja, 48% da safra total. Além de haver menor quantidade de cana a ser processada nessa safra, o outono de 2017, na Região Centro-Sul, foi mais chuvoso que o outono de 2016, o que diminui a velocidade da colheita/moagem.

Gráfico 5 – Moagem brasileira de cana-de-açúcar



Fonte: Mapa.



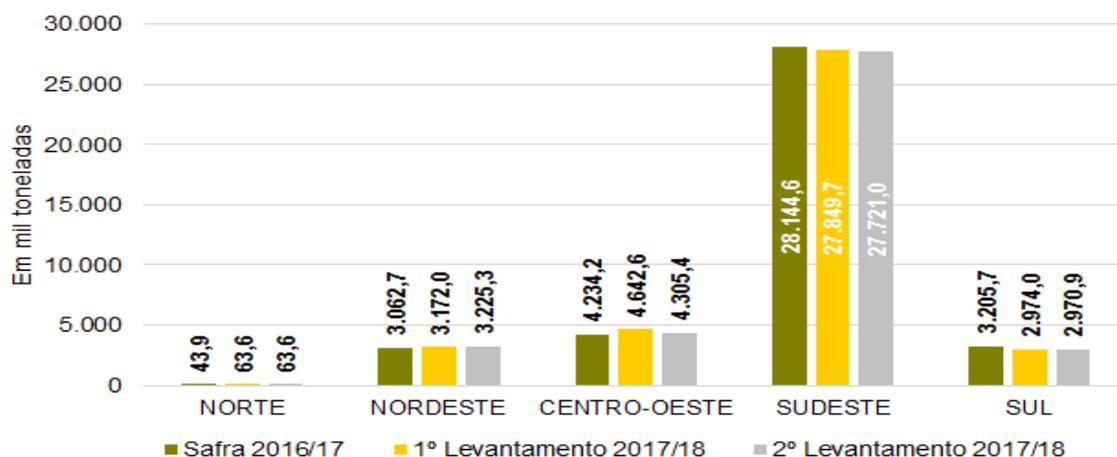


6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

O preço do açúcar deverá manter a representatividade do produto no setor sucroalcooleiro nacional para essa safra. A expectativa para o período 2017/18 é de crescimento percentual do ATR destinado à produção de açúcar, saindo de 45,9% no exercício 2016/17, para 47,9% nessa safra. No entanto, a despeito desse aumento previsto, a produção de açúcar deverá atingir 39.387,2 mil toneladas, 1,8% a mais do que no período 2016/17, 38.691,1 mil toneladas.

A Região Sudeste, maior produtora nacional, será responsável, nessa safra, por 73% do açúcar produzido no país, seguido da Região Centro-Oeste (11%), Nordeste (8,2%) e Sul (7,7%). São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás e Alagoas permaneceram como maiores produtores de açúcar.

Gráfico 6 – Evolução da produção de açúcar



Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.

Tabela 3 - Produção de açúcar por Unidade da Federação

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destina ao açúcar (mil t)			Açúcar (mil t)			
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	411,3	544,1	32,3	43,9	65,5	21,6	49,2
AM	159,5	159,5	(0,1)	13,9	14,6	0,7	5,0
PA	251,7	384,7	52,8	30,0	50,9	20,9	69,7
NORDESTE	23.654,3	26.559,8	12,3	3.062,7	3.229,7	167,0	5,5
MA	95,2	159,0	67,1	11,6	19,7	8,1	70,1
PI	457,4	673,0	47,1	54,8	79,3	24,5	44,6
RN	1.092,6	1.627,8	49,0	124,9	188,9	64,0	51,3
PB	1.387,4	1.830,5	31,9	186,8	224,3	37,5	20,1
PE	7.644,5	8.004,4	4,7	1.004,1	936,2	(67,9)	(6,8)
AL	11.130,5	12.424,5	11,6	1.446,0	1.553,2	107,2	7,4
SE	860,0	720,9	(16,2)	109,7	92,4	(17,3)	(15,8)
BA	986,8	1.119,6	13,5	124,8	135,8	11,0	8,8
CENTRO-OESTE	32.216,4	33.495,5	4,0	4.234,2	4.333,9	99,7	2,4
MT	2.706,0	2.754,2	1,8	397,7	391,2	(6,5)	(1,6)
MS	14.170,7	13.245,2	(6,5)	1.734,8	1.615,4	(119,4)	(6,9)
GO	15.339,6	17.496,0	14,1	2.101,7	2.327,2	225,5	10,7
SUDESTE	222.354,0	227.066,9	2,1	28.144,6	28.743,2	598,6	2,1
MG	30.436,5	33.648,2	10,6	3.992,2	4.464,8	472,6	11,8
ES	525,5	823,9	56,8	64,0	94,8	30,8	48,1
RJ	270,0	1.022,3	278,6	28,6	114,3	85,7	299,5
SP	191.121,9	191.572,5	0,2	24.059,8	24.069,3	9,5	0,0
SUL	24.579,6	23.140,4	(5,9)	3.205,7	3.015,0	(190,7)	(5,9)
PR	24.579,6	23.140,4	(5,9)	3.205,7	3.015,0	(190,7)	(5,9)
NORTE/NORDESTE	24.065,6	27.103,9	12,6	3.106,6	3.295,2	188,6	6,1
CENTRO-SUL	279.149,9	283.702,8	1,6	35.584,5	36.092,0	507,5	1,4
BRASIL	303.215,5	310.806,7	2,5	38.691,1	39.387,2	696,1	1,8

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em agosto/2017.

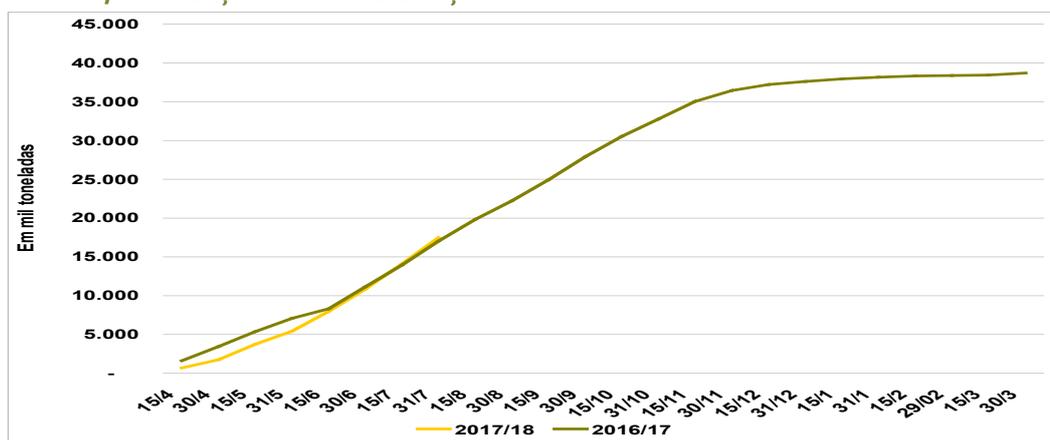


Acompanhamento quinzenal da produção de açúcar

A produção está estimativa em 39,39 milhões de toneladas de açúcar nesta safra, 1,8% superior ao mesmo volume produzido na safra passada. Os dados acumulados (Mapa) registram uma produção de 17,48 milhões de toneladas (44% da safra) até o dia 31 de julho de 2017, 2,6% superior ao mesmo período do ano

passado, onde esse valor estava em 17,03 milhões de toneladas (44% da safra). Apesar de iniciar com uma produção inferior à safra passada em razão da menor quantidade de cana-de-açúcar disponível, a preferência pelo açúcar fez com que a produção esteja maior do que a safra anterior, no acumulado quinzenal.

Gráfico 7 – Produção brasileira de açúcar



Fonte: Mapa.



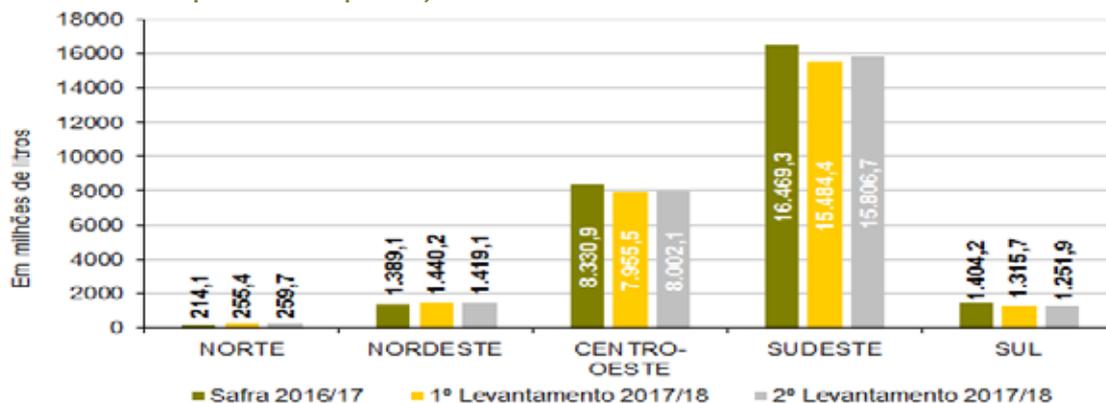


7. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE ETANOL

O etanol desempenha papel importante na economia brasileira, pois pode ser utilizado como combustível nos veículos flex-fuel (hidratado), misturado com a gasolina, com vista a baratear o combustível, aumentar sua octanagem e reduzir a emissão de poluentes (anidro), além da utilização na fabricação de tintas, vernizes, solventes, etc

A expectativa da produção brasileira de etanol total, no segundo levantamento da safra 2017/18 é de 26,12 bilhões de litros, inferior em 6,1% a safra passada, que atingiu 27,81 bilhões de litros. Esse decréscimo está relacionado ao aumento observado no consumo da gasolina em 2016, que respalda os preços do etanol anidro nas misturas de combustível, além dos preços favoráveis do açúcar que incentivaram a produção desta *commodity* em detrimento ao etanol.

Gráfico 8 – Comparativo da produção de etanol total

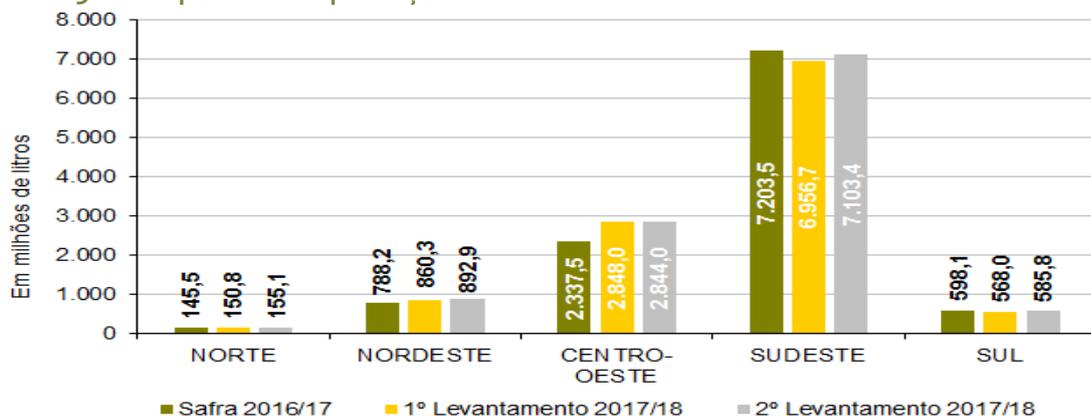


Fonte: Conab.
Nota: estimativa em agosto/2017.

Neste sentido, a estimativa realizada para a produção de etanol anidro nessa safra, contempla aumento de

0,2% em relação à safra passada, saindo de 11,07 bilhões de litros para 11,09 bilhões de litros, nessa safra.

Gráfico 9 – Comparativo da produção de etanol anidro

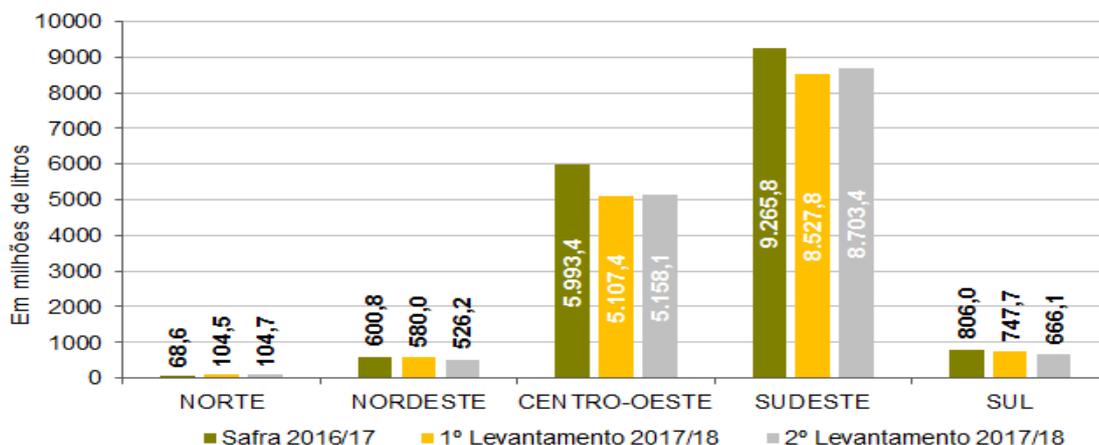


Fonte: Conab.
Nota: estimativa em agosto/2017.

Para o etanol hidratado é estimada forte redução na produção para o período 2017/18. A estimativa para essa safra é que a produção de etanol hidratado seja

de 15,02 bilhões de litros contra 16,73 bilhões de litros na safra passada, representando uma redução de 10,2% em relação ao período anterior.

Gráfico 10 – Comparativo da produção de etanol hidratado



Fonte: Conab.
Nota: estimativa em agosto/2017.



A queda na produção de etanol hidratado tem relação com o menor consumo desse combustível. Somente nos três primeiros meses da safra atual (abril a junho)

o consumo reduziu em 18% em relação à safra passada.

Tabela 4 – Vendas de combustíveis

REGIÃO/UF	Gasolina comum (Em mil l)			Etanol hidratado (Em mil l)		
	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)	Safra 2016/17	Safra 2017/18	Variação (%)
Abril	3.571.396	3.649.396	2,2	1.160.337	985.433	(15,1)
Maio	3.428.701	3.783.548	10,3	1.319.907	1.041.766	(21,1)
Junho	3.370.928	3.762.224	11,6	1.261.523	1.039.535	(17,6)
Julho	3.442.006		-	1.314.602		-
Agosto	3.553.376		-	1.351.409		-
Setembro	3.583.992		-	1.344.811		-
Outubro	3.620.869		-	1.198.897		-
Novembro	3.706.914		-	1.005.537		-
Dezembro	4.222.509		-	1.144.133		-
Janeiro	3.721.986		-	886.683		-
Fevereiro	3.546.476		-	867.752		-
Março	3.948.285		-	1.009.731		-
Total de Abr-Jul	10.371.025	11.195.168	7,9	3.741.767	3.066.734	(18,0)

Fonte: Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis.



Tabela 5 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol total e produção de etanol total

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol total (mil t)			Etanol total (mil l)			
	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação (%)	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	2.855,0	3.199,7	12,1	214.051,0	260.097,3	46.046,3	21,5
RO	136,6	107,7	(21,1)	9.487,0	7.000,0	(2.487,0)	(26,2)
AC	64,1	106,5	66,1	3.674,0	6.463,2	2.789,2	75,9
AM	101,7	116,9	15,0	5.496,0	6.642,1	1.146,1	20,9
PA	466,1	553,4	18,7	33.210,0	43.762,0	10.552,0	31,8
TO	2.086,6	2.315,2	11,0	162.184,0	196.230,0	34.046,0	21,0
NORDESTE	17.783,4	18.900,9	6,3	1.389.071,0	1.391.042,6	1.971,6	0,1
MA	1.747,1	1.891,4	8,3	127.361,0	140.335,4	12.974,4	10,2
PI	303,1	294,1	(3,0)	21.605,0	20.597,4	(1.007,6)	(4,7)
CE	74,0	40,0	(45,9)	5.242,0	2.862,4	(2.379,6)	(45,4)
RN	882,3	947,5	7,4	61.162,0	66.190,3	5.028,3	8,2
PB	3.468,7	4.358,9	25,7	283.740,0	322.198,8	38.458,8	13,6
PE	4.181,3	3.856,1	(7,8)	335.052,0	274.197,7	(60.854,3)	(18,2)
AL	4.900,1	4.426,1	(9,7)	382.993,0	331.622,4	(51.370,6)	(13,4)
SE	846,5	1.034,4	22,2	66.021,0	81.063,5	15.042,5	22,8
BA	1.380,2	2.052,5	48,7	105.895,0	151.974,6	46.079,6	43,5
CENTRO-OESTE	102.043,9	104.163,3	2,1	8.330.949,0	8.307.093,2	(23.855,8)	(0,3)
MT	13.635,5	14.185,7	4,0	1.220.699,0	1.224.638,3	3.939,3	0,3
MS	36.121,3	37.208,4	3,0	2.709.300,0	2.774.175,8	64.875,8	2,4
GO	52.287,2	52.769,1	0,9	4.400.950,0	4.308.279,0	(92.671,0)	(2,1)
SUDESTE	213.603,5	193.638,8	(9,3)	16.469.268,0	14.922.246,7	(1.547.021,3)	(9,4)
MG	33.233,8	30.865,6	(7,1)	2.657.455,0	2.496.344,1	(161.110,9)	(6,1)
ES	831,4	1.291,0	55,3	60.731,0	89.022,0	28.291,0	46,6
RJ	735,2	250,8	(65,9)	48.315,0	17.393,2	(30.921,8)	(64,0)
SP	178.803,2	161.231,4	(9,8)	13.702.767,0	12.319.487,3	(1.383.279,7)	(10,1)
SUL	17.682,6	15.627,9	(11,6)	1.404.184,0	1.237.309,5	(166.874,5)	(11,9)
PR	17.637,1	15.573,1	(11,7)	1.401.270,0	1.233.809,5	(167.460,5)	(12,0)
RS	45,5	54,8	20,4	2.914,0	3.500,0	586,0	20,1
NORTE/NORDESTE	20.638,4	22.100,6	7,1	1.603.122,0	1.651.139,9	48.017,9	3,0
CENTRO-SUL	333.330,1	313.430,0	(6,0)	26.204.401,0	24.466.649,3	(1.737.751,7)	(6,6)
BRASIL	353.968,5	335.530,7	(5,2)	27.807.523,0	26.117.789,2	(1.689.733,8)	(6,1)

Fonte: Conab.
Nota: estimativa em agosto/2017.



Tabela 6 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol anidro e produção de etanol anidro

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol anidro (mil t)			Etanol anidro (mil l)			
	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação (%)	Safrá 2016/17	Safrá 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	1.925,1	1.888,4	(1,9)	145.462,0	155.066,0	9.604,0	6,6
PA	405,4	491,0	21,1	28.724,0	38.636,0	9.912,0	34,5
TO	1.519,7	1.397,5	(8,0)	116.738,0	116.430,0	(308,0)	(0,3)
NORDESTE	10.321,9	12.107,3	17,3	788.225,0	879.809,4	91.584,4	11,6
MA	1.513,8	1.630,9	7,7	109.712,0	120.285,4	10.573,4	9,6
PI	300,2	294,1	(2,0)	21.390,0	20.597,4	(792,6)	(3,7)
RN	479,0	677,9	41,5	32.556,0	46.778,4	14.222,4	43,7
PB	1.733,2	2.889,3	66,7	138.746,0	210.469,6	71.723,6	51,7
PE	1.688,7	1.866,6	10,5	131.886,0	129.810,2	(2.075,8)	(1,6)
AL	3.568,1	3.615,2	1,3	275.617,0	268.717,5	(6.899,5)	(2,5)
SE	298,6	354,1	18,6	22.647,0	26.977,7	4.330,7	19,1
BA	740,3	779,2	5,2	55.671,0	56.173,2	502,2	0,9
CENTRO-OESTE	29.421,0	33.862,9	15,1	2.337.504,0	2.628.572,2	291.068,2	12,5
MT	5.990,5	6.947,2	16,0	523.484,0	586.680,8	63.196,8	12,1
MS	10.921,0	13.214,0	21,0	794.938,0	958.237,9	163.299,9	20,5
GO	12.509,5	13.701,7	9,5	1.019.082,0	1.083.653,5	64.571,5	6,3
SUDESTE	95.675,3	91.056,8	(4,8)	7.203.513,0	6.850.621,8	(352.891,2)	(4,9)
MG	13.956,1	13.100,3	(6,1)	1.088.416,0	1.033.564,1	(54.851,9)	(5,0)
ES	665,6	1.045,2	57,0	48.199,0	71.480,3	23.281,3	48,3
SP	81.053,5	76.911,3	(5,1)	6.066.898,0	5.745.577,4	(321.320,6)	(5,3)
SUL	7.713,3	7.473,0	(3,1)	598.141,0	578.922,8	(19.218,2)	(3,2)
PR	7.713,3	7.473,0	(3,1)	598.141,0	578.922,8	(19.218,2)	(3,2)
NORTE/NORDESTE	12.247,0	13.995,8	14,3	933.687,0	1.034.875,4	101.188,4	10,8
CENTRO-SUL	132.809,6	132.392,6	(0,3)	10.139.158,0	10.058.116,8	(81.041,2)	(0,8)
BRASIL	145.056,6	146.388,4	0,9	11.072.845,0	11.092.992,2	20.147,2	0,2

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2017.



Tabela 7 – Cana-de-açúcar equivalente destinada ao etanol hidratado e produção de etanol hidratado

REGIÃO/UF	Cana-de-açúcar destinada ao etanol hidratado (mil t)			Etanol hidratado (mil l)			
	Safr 2016/17	Safr 2017/18	Variação (%)	Safr 2016/17	Safr 2017/18	Variação	
						Absoluta	%
NORTE	929,9	1.311,3	41,0	68.589,0	105.031,3	36.442,3	53,1
RO	136,6	107,7	(21,1)	9.487,0	7.000,0	(2.487,0)	(26,2)
AC	64,1	106,5	66,1	3.674,0	6.463,2	2.789,2	75,9
AM	101,7	116,9	15,0	5.496,0	6.642,1	1.146,1	20,9
PA	60,7	62,4	2,9	4.486,0	5.126,0	640,0	14,3
TO	566,9	917,8	61,9	45.446,0	79.800,0	34.354,0	75,6
NORDESTE	7.461,5	6.793,6	(9,0)	600.846,0	511.233,2	(89.612,8)	(14,9)
MA	233,3	260,5	11,6	17.649,0	20.050,0	2.401,0	13,6
PI	2,9	-	(100,0)	215,0	-	(215,0)	(100,0)
CE	74,0	40,0	(45,9)	5.242,0	2.862,4	(2.379,6)	(45,4)
RN	403,3	269,6	(33,2)	28.606,0	19.411,9	(9.194,1)	(32,1)
PB	1.735,5	1.469,7	(15,3)	144.994,0	111.729,2	(33.264,8)	(22,9)
PE	2.492,6	1.989,4	(20,2)	203.166,0	144.387,5	(58.778,5)	(28,9)
AL	1.332,0	810,9	(39,1)	107.376,0	62.905,0	(44.471,0)	(41,4)
SE	547,9	680,3	24,1	43.374,0	54.085,9	10.711,9	24,7
BA	639,9	1.273,3	99,0	50.224,0	95.801,3	45.577,3	90,7
CENTRO-OESTE	72.622,9	70.300,4	(3,2)	5.993.445,0	5.678.520,9	(314.924,1)	(5,3)
MT	7.645,0	7.238,5	(5,3)	697.215,0	637.957,5	(59.257,5)	(8,5)
MS	25.200,3	23.994,5	(4,8)	1.914.362,0	1.815.937,9	(98.424,1)	(5,1)
GO	39.777,7	39.067,4	(1,8)	3.381.868,0	3.224.625,5	(157.242,5)	(4,6)
SUDESTE	117.928,3	102.582,1	(13,0)	9.265.755,0	8.071.624,9	(1.194.130,1)	(12,9)
MG	19.277,7	17.765,3	(7,8)	1.569.039,0	1.462.780,1	(106.258,9)	(6,8)
ES	165,8	245,8	48,2	12.532,0	17.541,7	5.009,7	40,0
RJ	735,2	250,8	(65,9)	48.315,0	17.393,2	(30.921,8)	(64,0)
SP	97.749,6	84.320,1	(13,7)	7.635.869,0	6.573.910,0	(1.061.959,0)	(13,9)
SUL	9.969,2	8.154,9	(18,2)	806.043,0	658.386,7	(147.656,3)	(18,3)
PR	9.923,7	8.100,1	(18,4)	803.129,0	654.886,7	(148.242,3)	(18,5)
RS	45,5	54,8	20,4	2.914,0	3.500,0	586,0	20,1
NORTE/NORDESTE	8.391,4	8.104,9	(3,4)	669.435,0	616.264,5	(53.170,5)	(7,9)
CENTRO-SUL	200.520,5	181.037,4	(9,7)	16.065.243,0	14.408.532,6	(1.656.710,4)	(10,3)
BRASIL	208.911,9	189.142,3	(9,5)	16.734.678,0	15.024.797,1	(1.709.880,9)	(10,2)

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em agosto/2017.

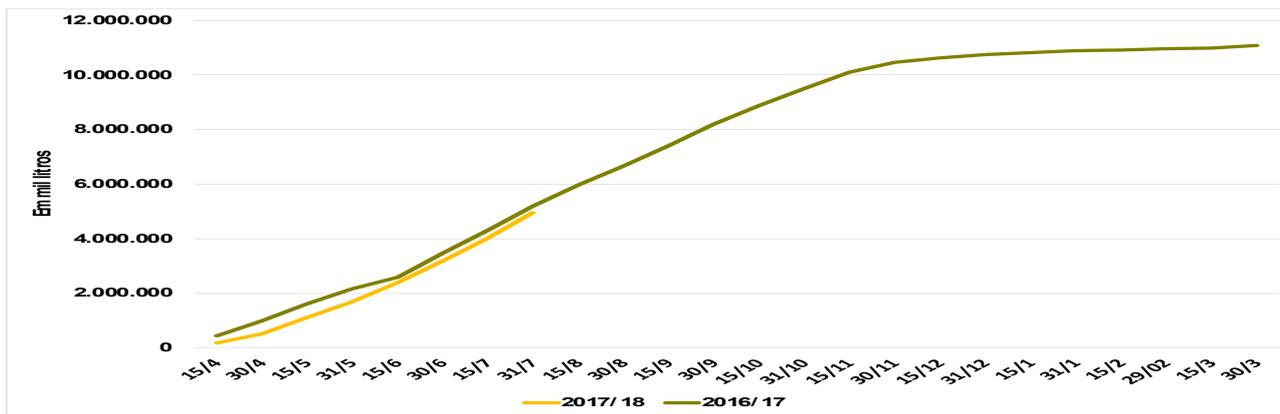
Acompanhamento quinzenal da produção de etanol

A produção de etanol total alcançou 11,9 bilhões de litros desde o início da safra 2017/18 até 31 de julho de 2017. Deste total, 4,94 bilhões de litros são de anidro e 6,95 são de hidratado. O etanol anidro segue comportamento semelhante ao açúcar, produção próxima à safra passada, em 30 de julho. A menor produção nos

dois primeiros meses (abril e maio) decorre da menor quantidade de cana-de-açúcar disponível nessa safra e o maior volume de precipitação pluviométrica em relação à safra passada. Já o etanol hidratado segue abaixo da safra passada, principalmente pela opção em produzir açúcar.

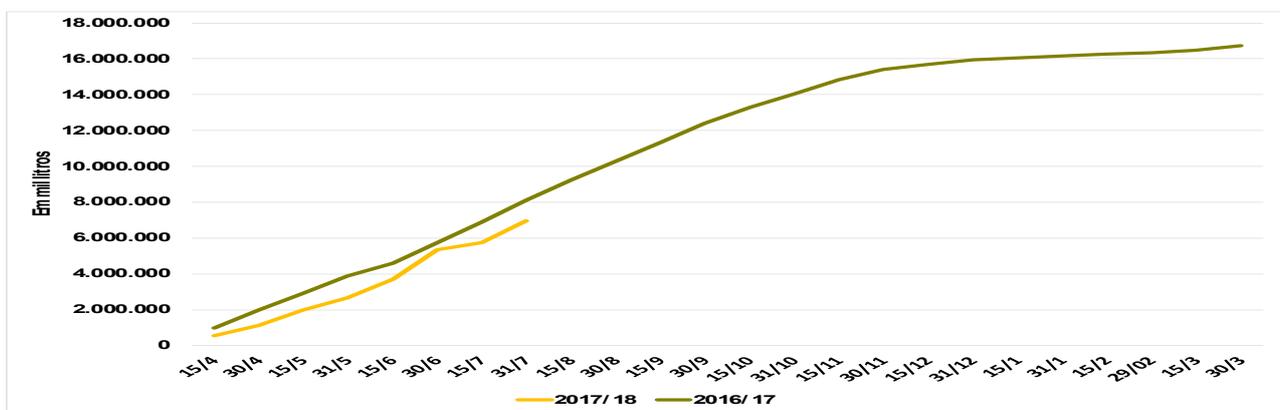


Gráfico 11 – Produção brasileira de anidro



Fonte: Mapa.

Gráfico 12 – Produção brasileira de hidratado



Fonte: Mapa.





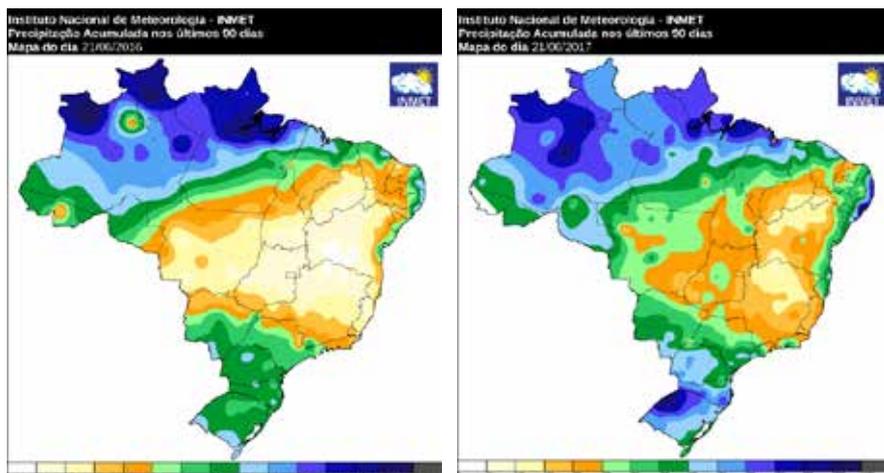
8. AÇÚCAR TOTAL RECUPERÁVEL (ATR)

A pesar de um leve crescimento entre a safra 2005/06 e 2011/12, saindo de 132,61 para 143,51 kg/t, o setor sucroenergético experimentou uma trajetória de queda do ATR (açúcar total recuperável) até a safra 2013/14 e tem se mantido estável desde então. Há vários fatores envolvidos como o clima e o maior índice de colheita mecanizada. A colheita mecanizada tem vindo atrelada com o menor uso de queima nas lavouras, o que aumenta as impurezas e alonga o período da safra. A palha que é transportada junto com a cana-de-açúcar aumenta o peso e reduz a eficiência de extração. Além disso, o clima adverso (principalmente as geadas) e o manejo incorreto de variedades também são fatores que vem influenciando na queda do ATR médio da cana.

O ATR no Centro-Sul segue a tendência do país por ser a maior região produtora. A Região Norte/Nordeste é mais susceptível a variações climáticas, o que impacta diretamente no rendimento do ATR.

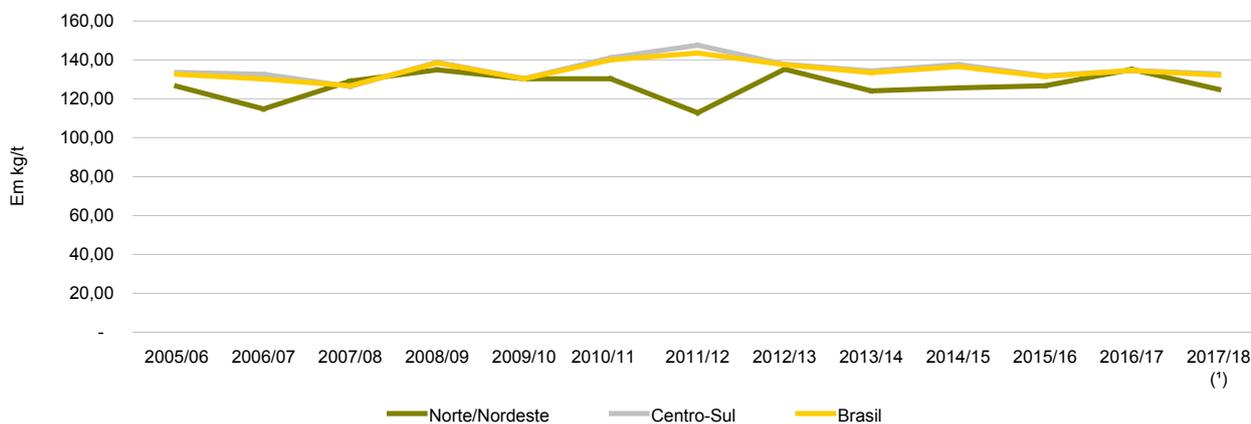
A estimativa para a safra 2017/18 é de um ATR médio de 133,6 kg/t na Região Centro-Sul, sobretudo porque o outono de 2017 foi mais chuvoso que o outono de 2016. Já na Região Nordeste, o maior volume de chuva no outono deve favorecer uma maior produtividade da cana-de-açúcar, com ATR próximos do normal para a região.

Figura 1 - Precipitação acumulada nos outonos de 2016 e 2017



Fonte: Inmet

Gráfico 13 - Evolução do ATR



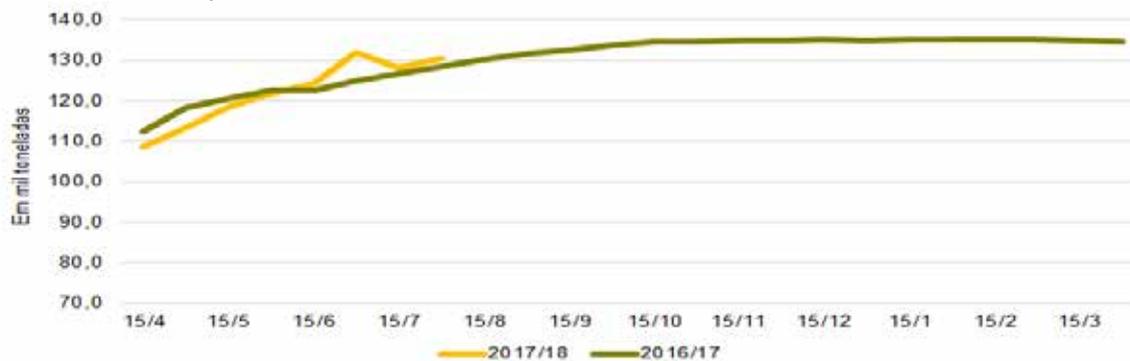
Fonte: Conab

Acompanhamento quinzenal do ATR médio

O teor de açúcares totais recuperáveis (ATR) por tonelada de cana-de-açúcar atingiu 130,4 kg/t no acumulado da safra 2017/18, frente aos 128,4 kg/t no comparativo, no mesmo período da safra passada. O volume

das chuvas no verão/outono de 2016 e 2017 na Região Centro-Sul foi maior do que no verão/outono de 2015 e 2016, o que gera maior crescimento vegetativo da planta em detrimento da concentração de ATR.

Gráfico 14 - Evolução do ATR



Fonte: Mapa





9. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola possui o objetivo de identificar as condições mensais no ciclo da cana-de-açúcar nos principais estados produtores. Foram analisadas as condições climáticas no período de desenvolvimento e início de colheita da safra 2017/2018, até o mês de julho de 2017. Além disso, foi feita uma previsão dessas condições a partir do prognóstico climático de agosto a outubro de 2017.

Os períodos de desenvolvimento e colheita são definidos a partir do calendário de colheita mensal. Na safra 2017/2018, nos estados de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e sul da Bahia, a fase de desenvolvimento considerada abrange o período de maio de 2016 a abril de 2017, e a de colheita vai de maio de 2017 a janeiro de 2018. Já nos estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, a fase de desenvolvimento abrange o período de outubro de 2016 a agosto de 2017, e a de colheita vai de setembro de 2017 a março de 2018.

As análises se basearam na localização das áreas de cultivo, identificadas no mapeamento por meio de imagens de satélite; em parâmetros agrometeorológicos (precipitação acumulada; desvio da precipitação com relação à média histórica – anomalia; temperatura máxima ou temperatura mínima – médias mensais; e na previsão climática dos três próximos meses (previsão probabilística de precipitação, anomalias previstas e climatologia trimestral e mensal).

As condições foram classificadas em:

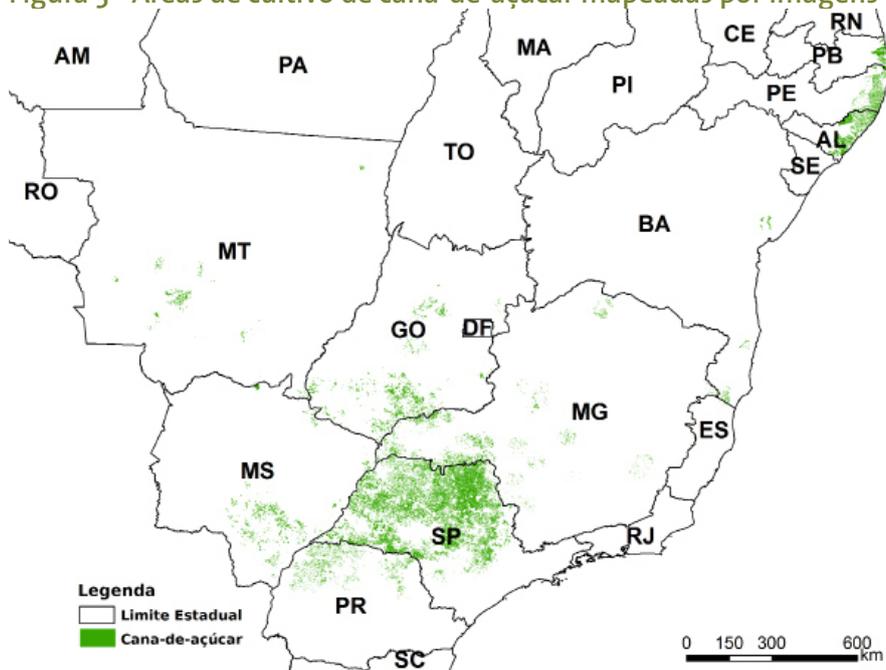
- Favorável: quando a precipitação é adequada ou houver problemas pontuais para a fase do desenvolvimento ou da colheita da cultura;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas;
- Média restrição: quando houver problemas generali-

zados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas; e

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações ou geadas.

O resultado do monitoramento é apresentado na tabela abaixo dos mapas agrometeorológicos.

Figura 3 - Áreas de cultivo de cana-de-açúcar mapeadas por imagens de satélite



Fonte: Conab.

Nos principais estados produtores do Centro-Sul, e na região sul da Bahia - onde o calendário agrícola é semelhante, as condições estiveram favoráveis ao desenvolvimento das lavouras na maior parte do período compreendido entre maio/16 e abril/17. Houve, no entanto, restrição por falta de chuvas e altas temperaturas em maio e setembro de 2016 nos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Já em São Paulo e no Mato Grosso do Sul, essa restrição ocorreu apenas em setembro/16; e no Paraná, ocorreu em setembro e novembro de 2016. No sul da Bahia, houve falta de chuvas e altas temperaturas em janeiro de 2017. Além disso, a formação de geadas em junho e julho de 2016 também pode ter impactado o desenvolvimento das lavouras em partes do Paraná, de São Paulo e de Minas Gerais.

A partir de maio, as condições estiveram favoráveis à colheita em praticamente todos os estados. Apenas no Paraná, houve restrição por excesso de chuvas no primeiro mês (maio). Além disso, geadas ocorridas no mês de julho podem ter impactado lavouras que ainda não estavam no ponto de colheita no sudoeste do

Mato Grosso do Sul e em partes da região produtora do Paraná.

De acordo com o prognóstico climático de agosto a outubro, as condições deverão continuar favoráveis à colheita nos principais estados produtores do Centro-Sul e na região sul da Bahia. Poderá haver, no entanto, algum impacto por excesso de chuvas em outubro no sudoeste de Mato Grosso do Sul, mês em que a climatologia indica valores mais elevados de precipitação e há probabilidade alta das chuvas ocorrerem acima da média no trimestre, com anomalia prevista de até 100 mm.

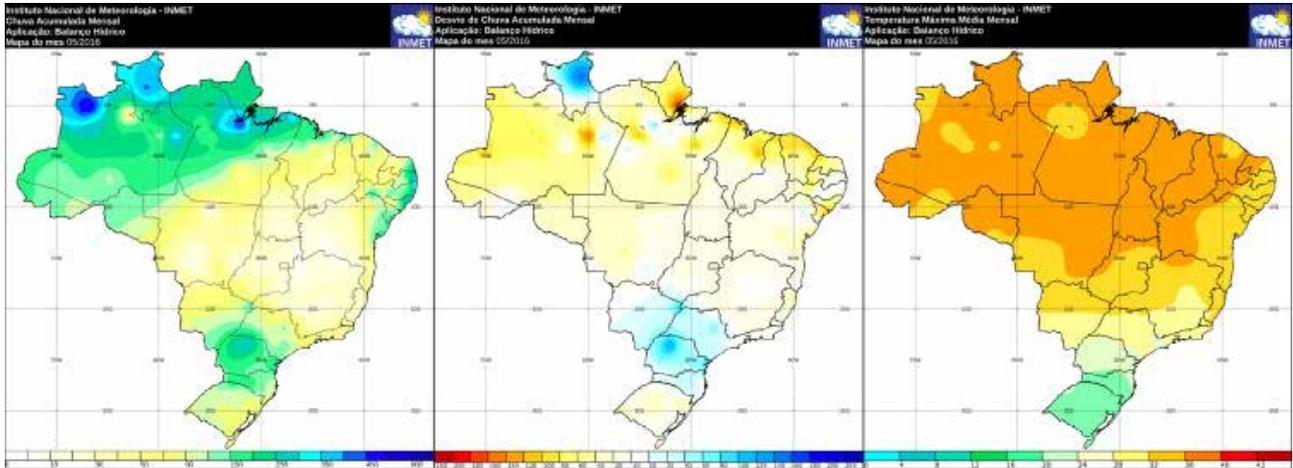
Nas principais regiões produtoras do Nordeste (Paraíba, Pernambuco e Alagoas), houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas de outubro/16 a março/17. Essa restrição foi mais intensa nos últimos meses em função do longo período de déficit hídrico que afetou a região. No entanto, nos meses seguintes, voltou a chover com intensidade nas regiões produtoras dos três estados. Houve, inclusive, restrição por excesso de chuvas ao desenvolvimento das lavouras durante o mês de maio em algumas áreas de Pernam-



buco, e de maio a junho em Alagoas. Já o prognóstico climático indica condições favoráveis, tanto para o fi-

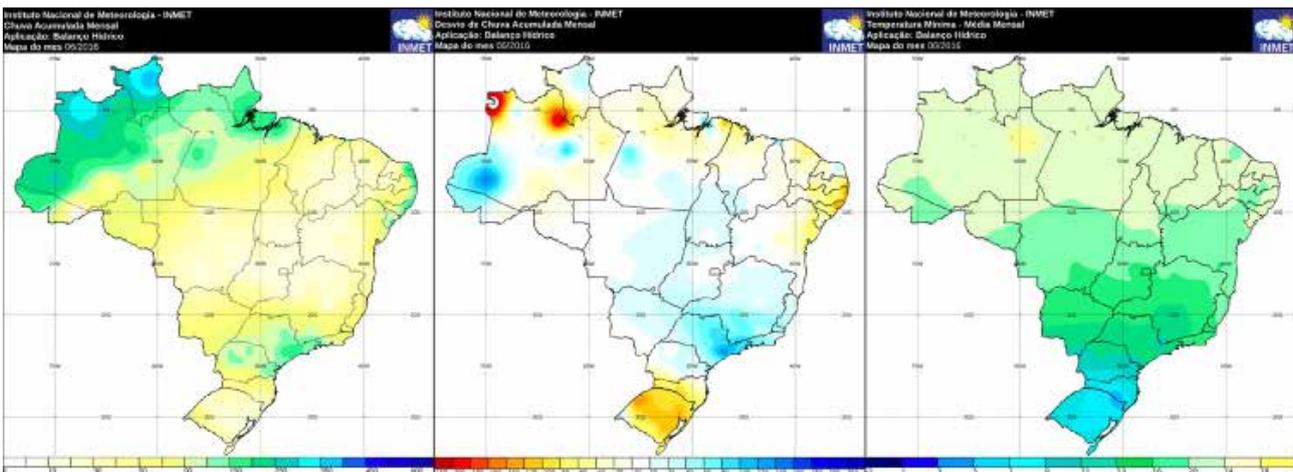
nal do período de desenvolvimento quanto para o início da colheita, nos três estados.

Figura 4 - Figura 1 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em maio de 2016



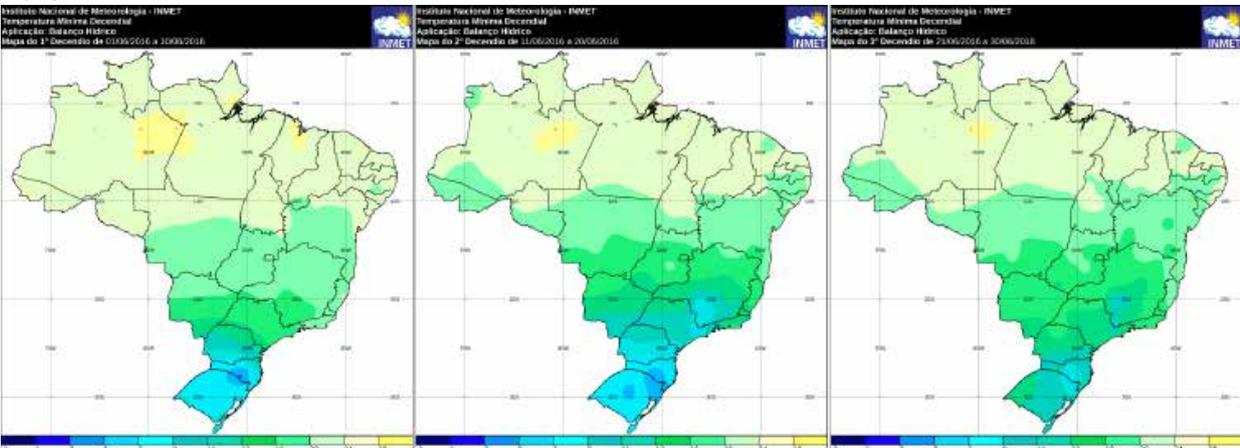
Fonte: Inmet.

Figura 4 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em junho de 2016



Fonte: Inmet.

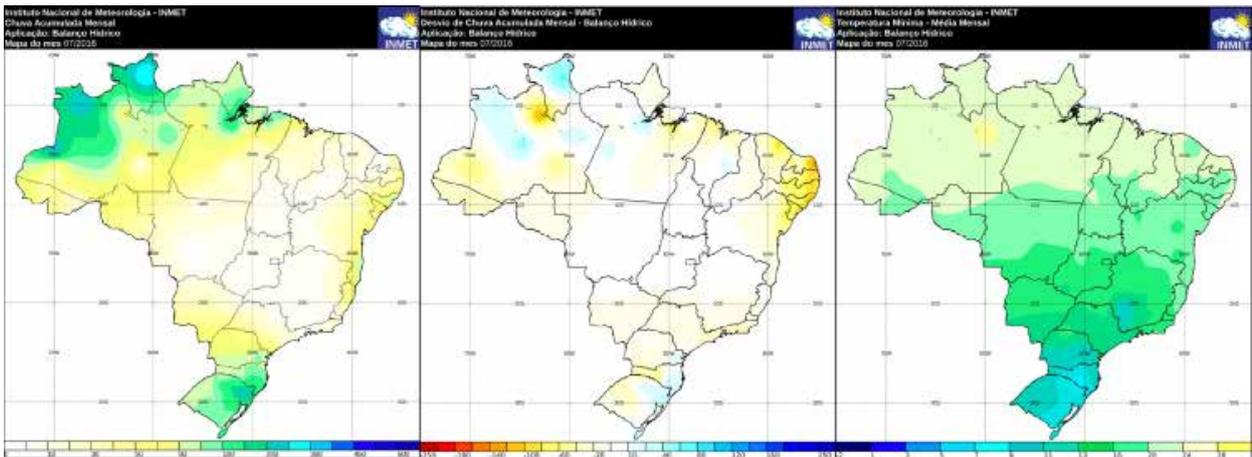
Figura 6 – Temperatura mínima média de 1º a 10 de junho, de 11 a 20 de junho e de 21 a 30 de junho de 2016



Fonte: Inmet.

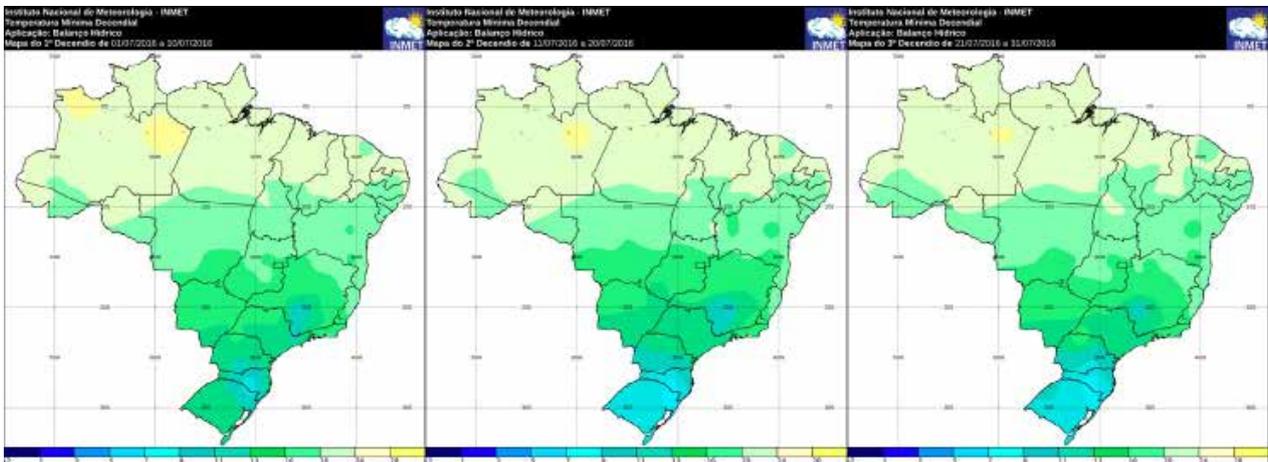


Figura 7 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em julho de 2016



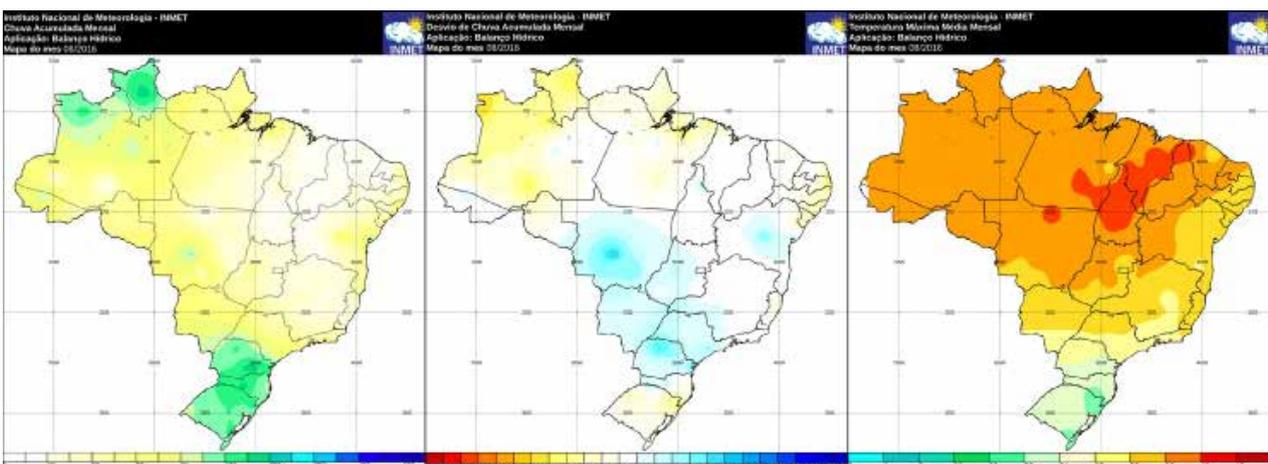
Fonte: Inmet.

Figura 8 – Temperatura mínima média de 1º a 10 de julho, de 11 a 20 de julho e de 21 a 31 de julho de 2016.



Fonte: Inmet.

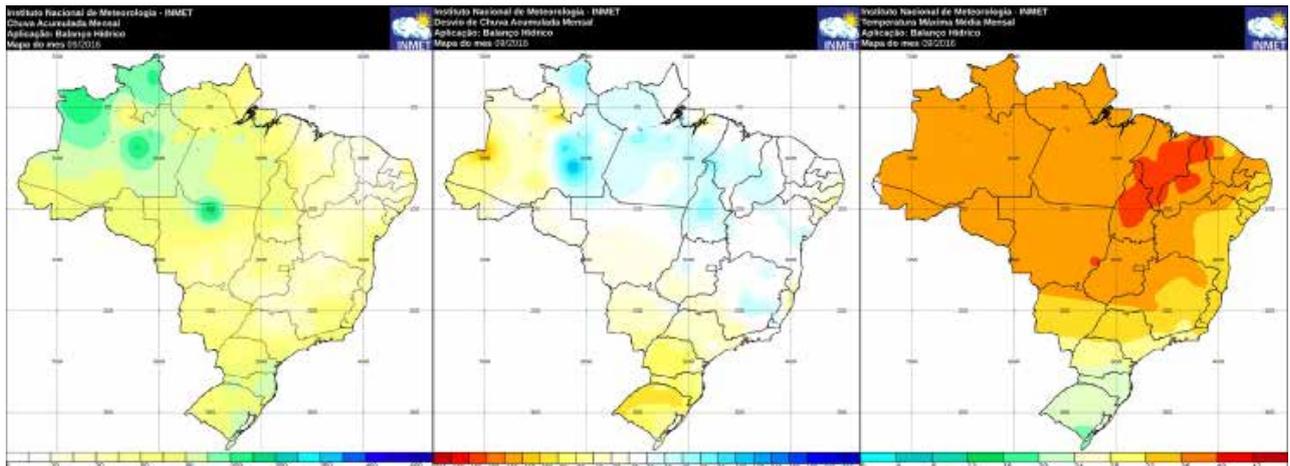
Figura 9 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em agosto de 2016



Fonte: Inmet.

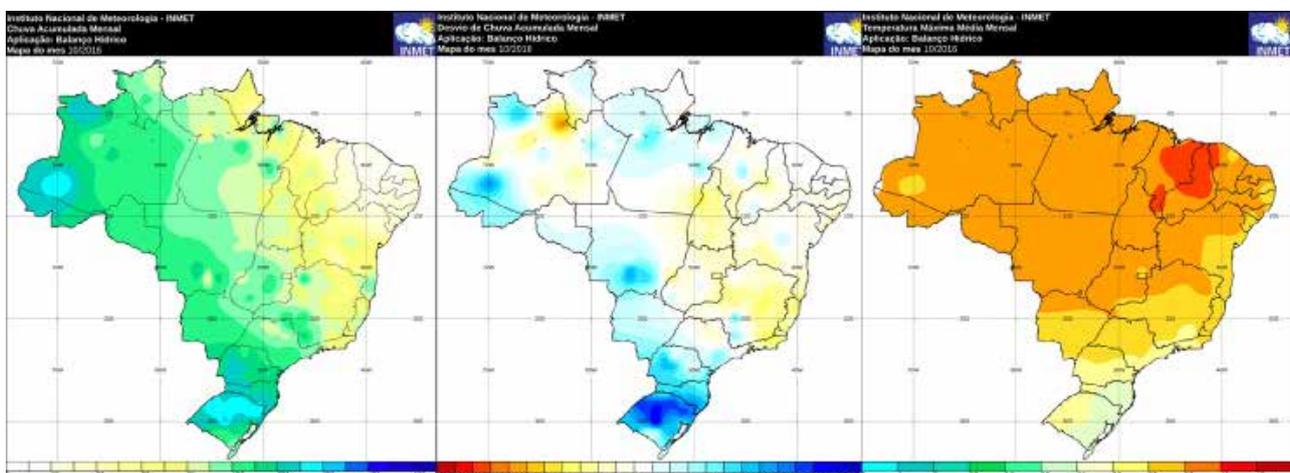


Figura 10 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em setembro de 2016



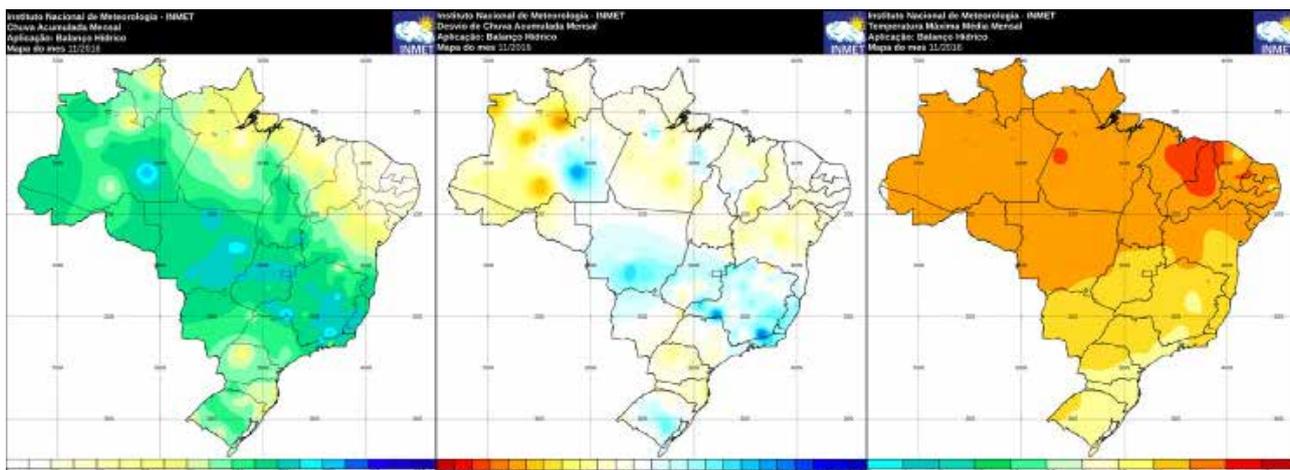
Fonte: Inmet.

Figura 11 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em outubro de 2016



Fonte: Inmet.

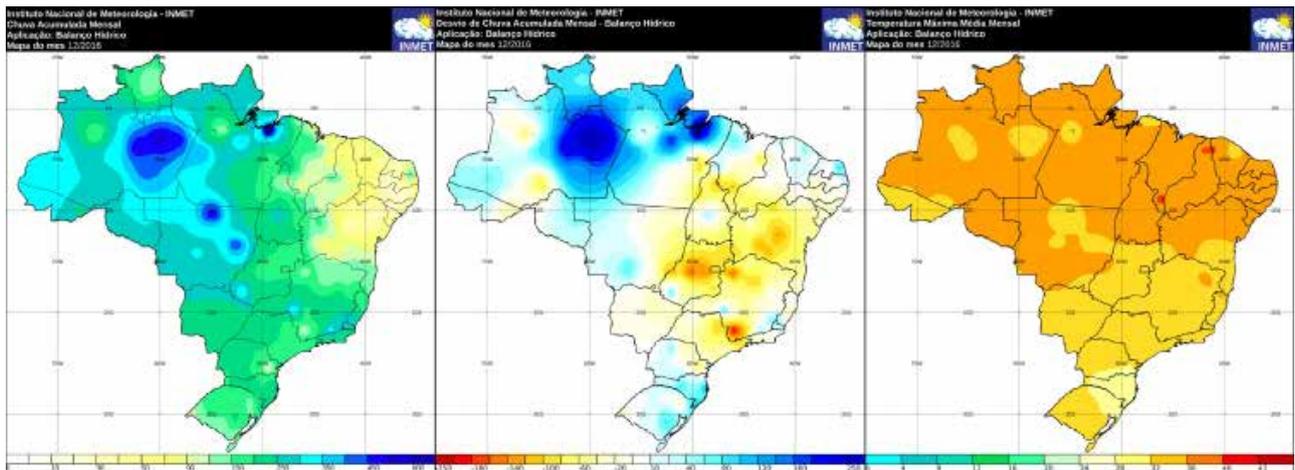
Figura 12 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em novembro de 2016



Fonte: Inmet.

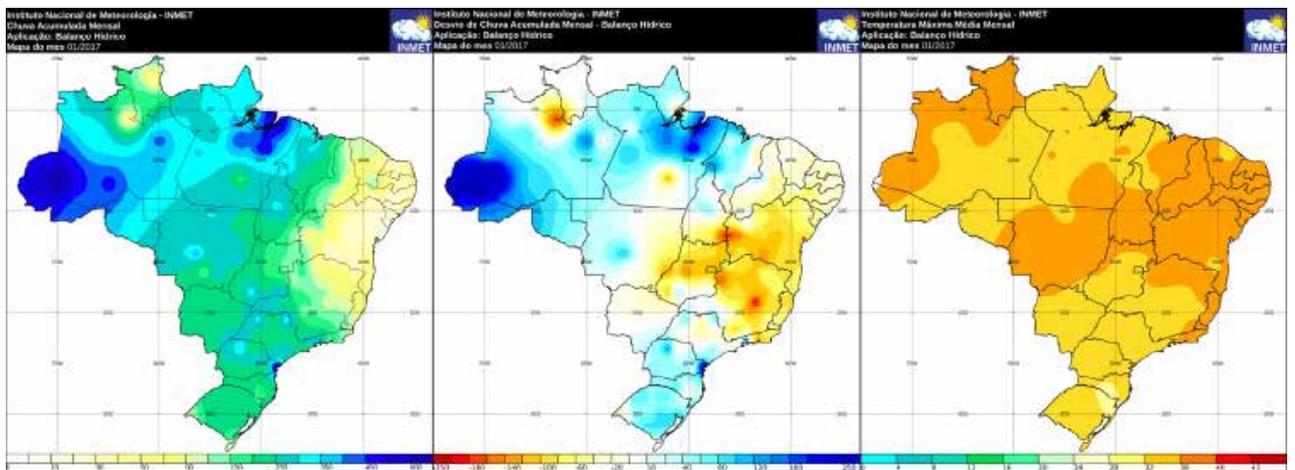


Figura 13 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em dezembro de 2016



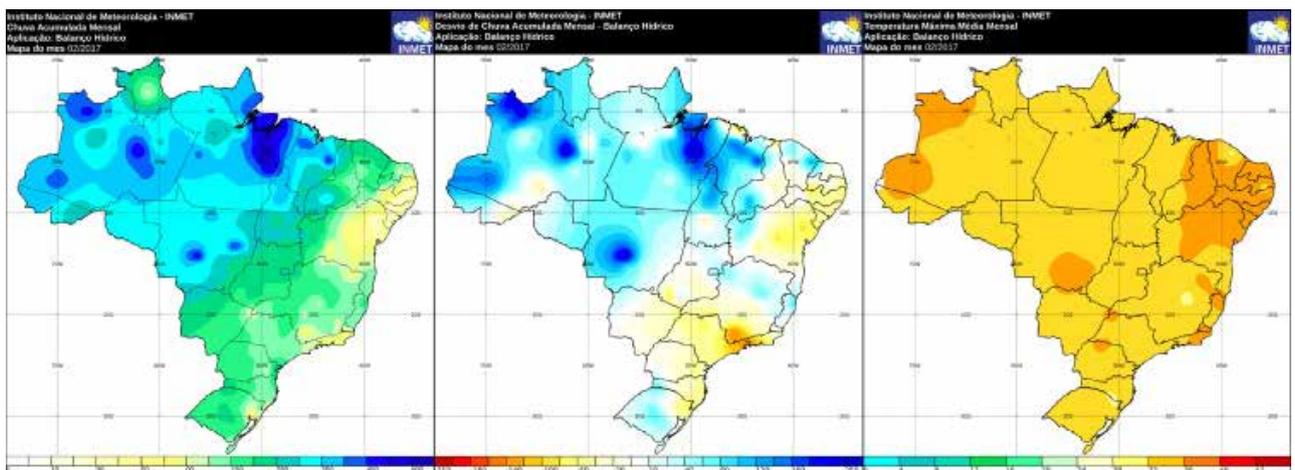
Fonte: Inmet.

Figura 14 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em janeiro de 2017



Fonte: Inmet.

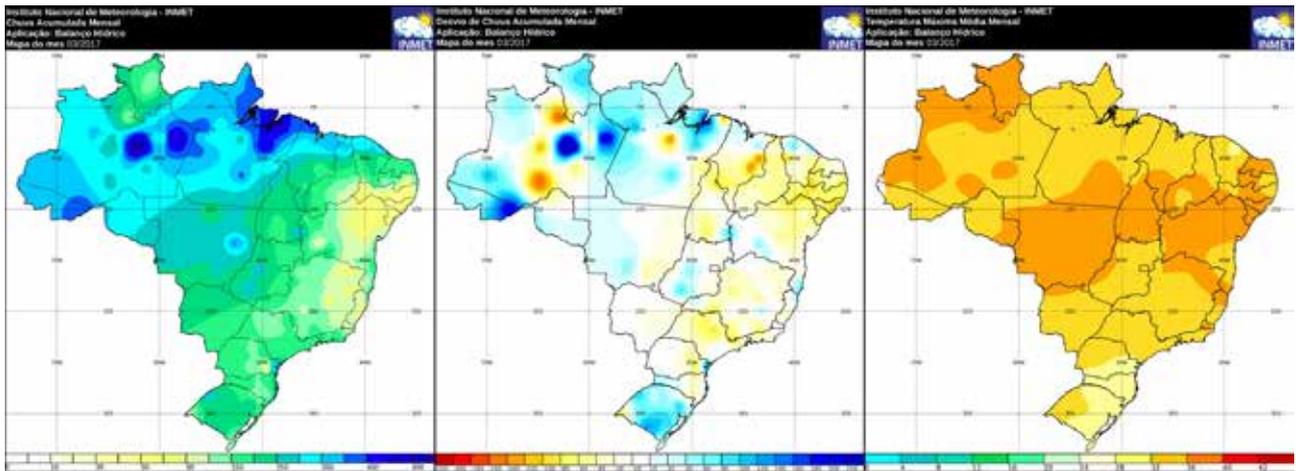
Figura 15 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em fevereiro de 2017



Fonte: Inmet.

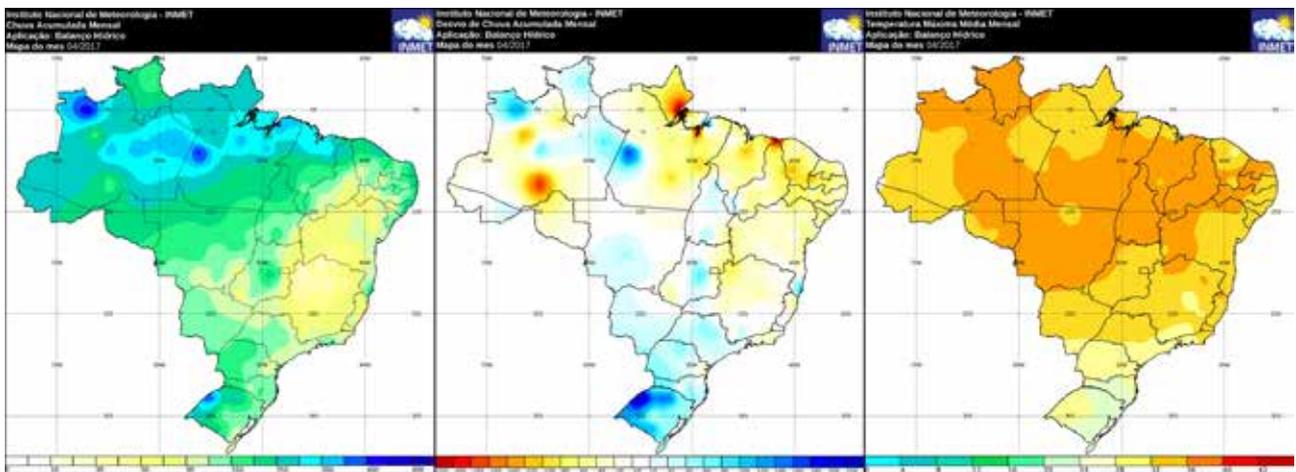


Figura 16 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em março de 2017



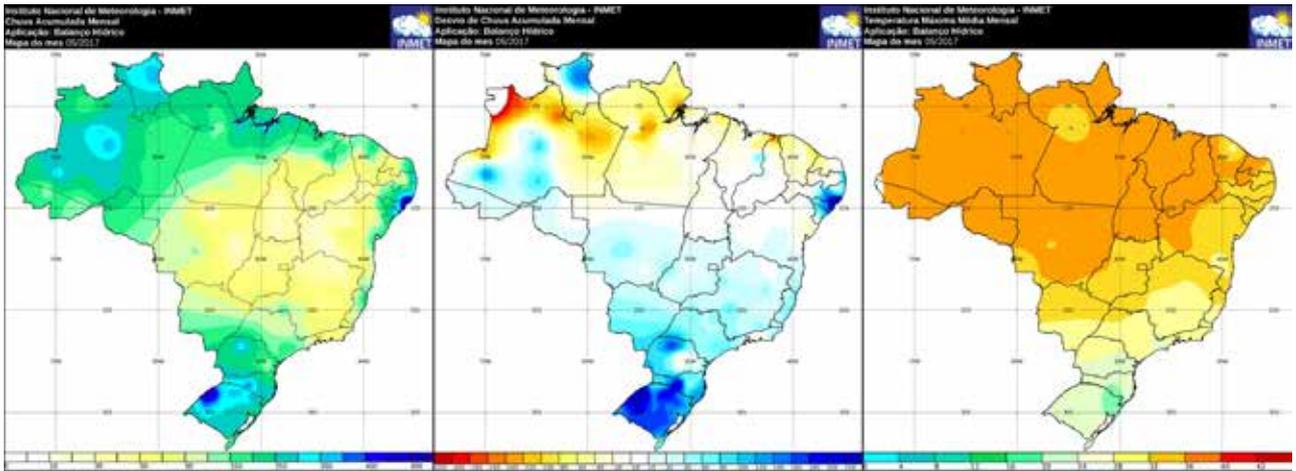
Fonte: Inmet.

Figura 17 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em abril de 2017



Fonte: Inmet.

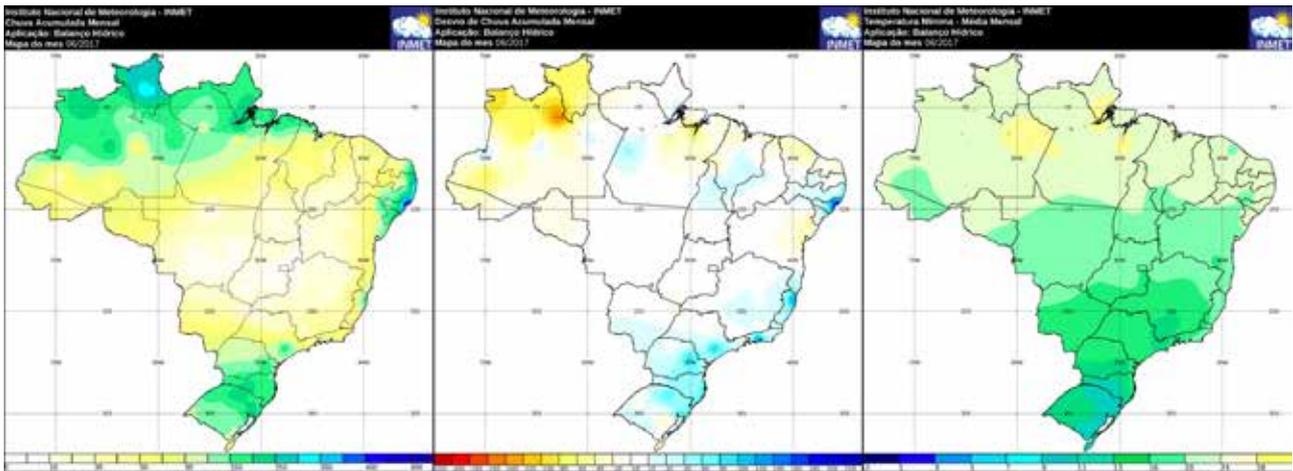
Figura 18 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura máxima em maio de 2017



Fonte: Inmet.

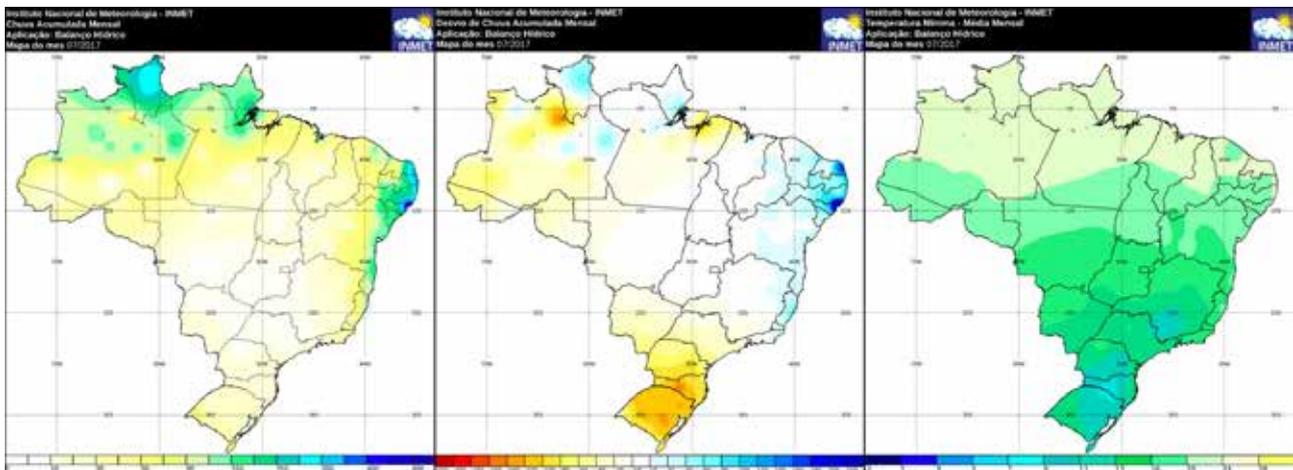


Figura 19 - Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em junho de 2017



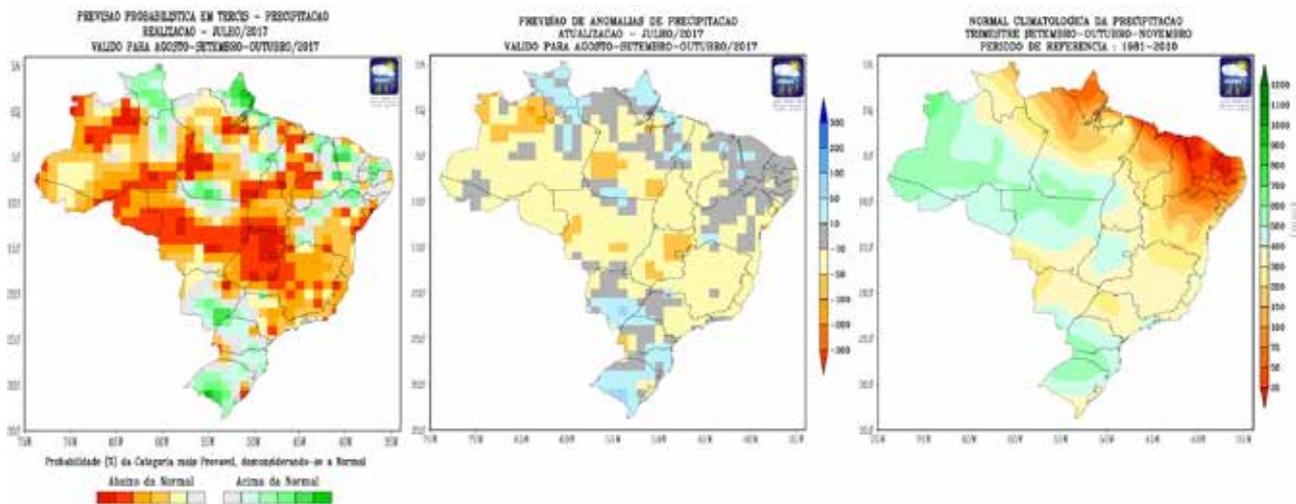
Fonte: Inmet

Figura 20 – Precipitação total, anomalia de precipitação e temperatura mínima em julho de 2017



Fonte: Inmet.

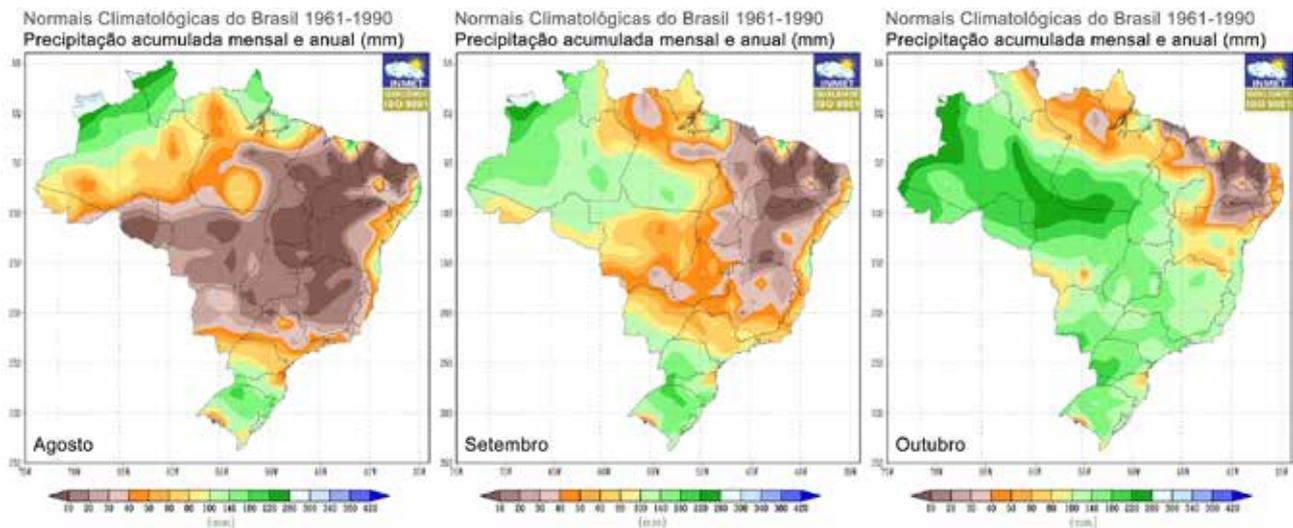
Figura 21 – Previsão probabilística, anomalias previstas de precipitação para agosto, setembro e outubro de 2017, e climatologia da precipitação no trimestre



Fonte: Inmet.



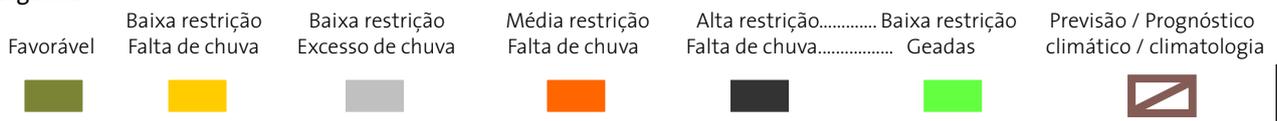
Figura 22 – Normais climatológicas de precipitação em agosto, setembro e outubro



Fonte: Inmet.

Quadro 1 – Condições hídricas nos períodos de desenvolvimento da cana-de-açúcar da safra 2017/18

Legenda



Safrá 2017/18 - Período de desenvolvimento												
Ano	2016								2017			
Estado	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
São Paulo												
Minas Gerais												
Goiás												
Mato Grosso												
Mato Grosso do Sul												
Paraná												
Bahia (Região Sul)												

Safrá 2017/18 - Período de colheita									
Ano	2017								2018
Estado	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan
São Paulo									
Minas Gerais									
Goiás									
Mato Grosso									
Mato Grosso do Sul									
Paraná									
Bahia (Região Sul)									

Safrá 2017/18 - Período de desenvolvimento											
Ano	2016						2017				
Estado	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Paraíba											
Pernambuco											
Alagoas											

Continua



Safrá 2017/18 - Período de colheita							
Ano	2017			2018			
Estado	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar
Paraíba							
Pernambuco							
Alagoas							

Fonte: Conab.





10. AVALIAÇÃO POR ESTADO

10.1 ACRE

A produtividade agrícola está intimamente relacionada à dinâmica da água no solo, em especial, aos atributos físicos, que afetam a relação solo-água-planta.

Os índices pluviométricos para essa safra foram mais favoráveis que na safra passada, acumulando, desde janeiro desse ano, 1.130,68 mm e bem distribuídos, o que reflete em bom desenvolvimento das culturas.

10.2. ALAGOAS

Em algumas regiões, diferentemente da última safra, o excesso de chuvas está prejudicando o desenvolvimento vegetativo e poderá, também, influenciar na maturação da cana-de-açúcar, caso continue a chover na mesma intensidade. Até o momento, nas áreas canavieiras, a precipitação pluviométrica varia entre 1.500 a 2.200 mm de chuvas, concentrado principalmente de maio a julho. Essa quantidade de chuvas prejudicou as lavouras plantadas em áreas mais baixas de algumas regiões. Entretanto, há regiões do estado que as chuvas não chegaram a prejudicar.

O plantio de inverno é incipiente devido à trégua das chuvas que ocorreram desde maio. As unidades de produção estão com um novo método de plantio de baixo custo, que representa um ganho em termo de economia, onde se utiliza em média de 8 a 10 toneladas de sementes por hectare, quando no sistema an-

terior se utilizava até 15 toneladas de sementes.

A colheita deve se iniciar um pouco mais tarde em relação à safra passada devido aos problemas relacionados acima. Assim, algumas unidades que sempre iniciaram a moagem na segunda quinzena de agosto, deverão atrasar um pouco, entre a primeira e segunda semana de setembro, com previsão de safra rápida, sendo finalizada entre fevereiro e março de 2018.

A produtividade das lavouras de cana-de-açúcar pró-

prias das unidades de produção deverá ter aumento de 5,1% em relação à safra passada. O principal motivo para essa melhoria foi o clima favorável, no período anterior ao início da quadra chuvosa excessiva. Quanto às lavouras de cana-de-açúcar de fornecedores, não há aumento de produtividade e isso se deve, principalmente, à falta de investimentos. Essa dificuldade, que gera queda de produtividade, atinge com maior intensidade os fornecedores que, descapitalizados, praticamente deixaram as lavouras por conta, apenas, dos fatores da natureza. A produtividade média fica em torno de 51.811 kg/ha.

10.3. AMAZONAS

A área estimada é de 3,6 mil hectares, diminuição de 0,6% em relação à safra anterior, ocorrido em razão da utilização de parte da área para produção de mudas.

A produtividade média esperada é 6,4% superior em relação à safra anterior em razão da utilização de novas técnicas aplicadas nos corredores de acesso das máquinas colhedoras e emprego de melhores tecnologias na colheita, aliadas às condições climáticas favoráveis, deverão favorecer a produtividade para essa safra.

A produção é avaliada em 276,4 mil toneladas. O plantio ocorreu em dezembro e janeiro e o processo de colheita, que começou em julho, se estenderá até setembro.

As condições climáticas na região foram consideradas satisfatórias para o ciclo de desenvolvimento da cana-de-açúcar. Todavia, a colheita foi antecipada em um mês, considerando a previsão de chuvas em excesso, com pluviosidade significativa ao longo do período.

10.4. BAHIA

Estima-se que, nessa safra, a Bahia tenha 43,4 mil hectares de cana-de-açúcar cultivados, com destinação às unidades de produção de açúcar e etanol. Essa área representa aumento de 8,4% em relação à safra passada.

No vale do São Francisco as lavouras são irrigadas e, do espaço geográfico destinado à cultura, 63% é irri-

gada em sulcos (Figura 1), 31% irrigada por gotejamento e 6% irrigada por pivô central (Figura 2). Apesar da área ser irrigada, estima-se redução da produtividade média em 3%, saindo de 104.400 kg/ha em 2016 para 101.300 kg/ha em 2017. Essa redução se deve à severidade climática, pois eram esperados 450 mm de chuvas no primeiro semestre e foram registrados somente 138,8 mm.

Figura 23 - Irrigação por sulcos em área de produção de cana-de-açúcar no Vale do São Francisco. Juazeiro/BA



Fonte: Conab.



Figura 24 - Irrigação por pivô central em área de produção de cana-de-açúcar no Vale do São Francisco. Juazeiro/BA



Fonte: Conab.

No extremo sul, as lavouras são de sequeiro. A expectativa é de aumento da produtividade em 159,5% em relação à safra passada. Esse expressivo crescimento da produtividade se deve ao aumento de 13% no volume de precipitação registrado no primeiro semestre (526,6 mm), contra o da safra passada (465,6 mm), no entanto a média histórica da região para o primeiro semestre é de 685 mm. O aumento dos índices pluviométricos e a sua distribuição durante o semestre foi fundamental para os bons resultados. Na safra 2016/17 as chuvas ficaram concentradas em janeiro e nessa safra houve uma melhor distribuição, indo de fevereiro a julho. Essa regularidade hídrica permitiu o bom desenvolvimento das lavouras, que estão sendo

colhidas e está proporcionando boa qualidade de rebrota das socas (Figuras 25 e 26).

A colheita da cana-de-açúcar foi iniciada em março e deve se estender até novembro. Já foram colhidos cerca de 50% da área cultivada. Aproximadamente 90% das áreas de cana-de-açúcar são colhidas com queima, e depois com corte manual. Somente 10% é colhida verde, sem queima, através do corte mecanizado.

Estima-se que a produção no estado, nessa safra, seja de 3.172,1 mil toneladas de cana-de-açúcar, representando aumento de 34% em relação à safra passada.

Figura 25 - Lavoura de primeiro corte, recém-colhida, no Extremo Sul. Medeiros Neto/BA



Fonte: Conab.



Figura 26 - Lavoura recém-colhida (frente) e lavoura em estágio de maturação (ao fundo), no Extremo Sul. Santa Cruz de Cabrália/BA



Fonte: Conab.

10.5. CEARÁ

A cultura da cana-de-açúcar vem perdendo participação no setor agrícola do estado, principalmente após o fechamento de várias unidades de produção. Impulsionados pelo fator climático negativo nos últimos anos, o Ceará atravessa dificuldades na sua agricultura em decorrência das baixas precipitações pluviométricas, comprometendo as lavouras e, também, colocando em risco a disponibilidade de água potável para a população, os produtores estão desmotivados

a procurar melhorar as lavouras de cana-de-açúcar.

A área estimada nesse levantamento é de 800 hectares, produzindo 40 mil toneladas de cana-de-açúcar. A destinação deve ser basicamente para a produção de etanol hidratado, pois não há, no Ceará, unidades que produzam açúcar. Boa parte da produção é direcionada para a fabricação de aguardente nas destilarias.

10.6. ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo vem sofrendo com a falta de chuvas nos últimos anos, causando uma série de prejuízos ao setor sucroalcooleiro, tanto quanto ao setor agropecuário, em geral. Nessa safra, de março até início de agosto, choveu acima da média histórica do estado, com isso, as lavouras conseguiram se recuperar, no entanto, a situação ainda é crítica.

à safra anterior.

A estimativa de produção de açúcar, nessa safra, é que seja 48,1% maior que na safra passada, assim como a produção de etanol total deverá ter aumento de 46,6%.

O segundo levantamento da safra 2017/18 aponta para diminuição de 0,6% na área, aumento de 55,9% na produção e produtividade 56,8% maior em relação

Aproximadamente 73,3% da colheita é realizada mecanicamente e 26,7% manual, dessas, 91,3% com queima e 8,7% sem queima.

Figura 27 - Área de cana-de-açúcar colhida em Conceição da Barra-ES



Fonte: Conab.



Figura 28 - Área de cana-de-açúcar em Linhares-ES



Fonte: Conab.

Figura 29 - Fertilirrigação de cana-de-açúcar em Itapemirim-ES



Fonte: Conab.

10.7. Goiás

As condições climáticas foram favoráveis ao pleno desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar em Goiás, com período chuvoso que se estendeu até maio, oferecendo boa disponibilidade de água no solo para as plantas, o que proporcionou um bom desenvolvimento da cultura.

A atual condição de clima seco e quente tem favorecido a operacionalização do processo de colheita e transporte da cana-de-açúcar até às unidades industriais e, com isso, aumentando sua eficiência produtiva. Caso ocorram chuvas nos próximos dias, isso é indicado como fator negativo para o processo produtivo, retardando o processo de colheita e industrialização.

As áreas de expansão estão a cada safra menos disponíveis, principalmente próximos às áreas de esmagamento. As unidades produtivas procuram áreas disponíveis de terceiros, mas que também a cada dia estão mais diminutas. Muitas áreas de cana-de-açúcar estão sendo renovadas com novas variedades mais produtivas e resistentes a pragas e doenças.

Grande parte das unidades produtivas iniciaram suas

operações a partir de abril. O clima seco tem favorecido a concentração de ATR.

A região sul de Goiás é onde se concentra a maior parte das unidades industriais, nessa região estima-se que já tenha sido colhido aproximadamente 60% da área.

Até o momento a distribuição do mix da produção tem indicado que a destinação para produção de açúcar tem sido maior que a destinação para produção de etanol em relação à safra anterior.

Algumas unidades produtivas já estão produzindo etanol de milho na entressafra da cana-de-açúcar. No momento, algumas unidades estão armazenando milho em silos bolsa, visando a produção futura. Devido as restrições para expansão da cana-de-açúcar, novas oportunidades têm surgido para produção de energia. Com a supersafra de grãos, mais especificamente o milho segunda safra em Goiás, as unidades industriais têm visto surgir novas oportunidades para matriz energética com a produção de etanol de milho e venda do subproduto (DDG) para ração animal.



10.8. MARANHÃO

Diferentemente da safra 2016/17, as expectativas quanto ao desenvolvimento das lavouras para essa safra são muito boas, já que praticamente não houve problemas de escassez pluviométricas que ocorreram no período anterior. Até o presente levantamento as chuvas se mostraram regulares e bem distribuídas.

Estima-se que a área cultivada seja de 38,5 mil hectares, com produtividade de 53.287 kg/ha. A produção deverá ser de aproximadamente 2.050,5 mil toneladas de cana-de-açúcar, aumento de 11,3% em relação à safra anterior.

O plantio é predominantemente realizado em abril, maio e junho, no entanto, como as unidades de pro-

10.9. MATO GROSSO

Até maio, os índices pluviométricos ficaram acima do esperado para o estado. Assim, o bom regime de chuvas na safra 2017/18 contribuiu para a recuperação da produtividade das lavouras mato-grossense. Em contrapartida, atrasou o início da colheita na maior parte das áreas, o que poderá comprometer o cronograma de algumas plantas industriais, cujo término dos trabalhos de campo está previsto para o final de outubro. Atualmente, a predominância do clima seco, desde junho, tem favorecido a colheita, e teoricamente, também contribui para a concentração de açúcares na cana-de-açúcar. Assim, projeta-se que aproximadamente 70% da área esteja colhida até o final de agosto.

A safra 2017/18 registrou maiores investimentos nas áreas agrícolas e industriais. Tal conjuntura se deve aos bons resultados financeiros na safra anterior, quando os preços do açúcar e etanol atingiram patamares elevados. Contudo, vale ressaltar que os recursos não estão sendo destinados apenas ao setor de esmagamento da cana-de-açúcar, mas também ao segmento de moagem do milho. Várias unidades produtivas estão investindo no parque industrial flex, para a moagem tanto do grão quanto da cana-de-açúcar.

Estima-se que 80% das unidades produtivas no estado já estão ou pretendem operar em breve com a produção de biocombustível proveniente do cereal.

10.10. MATO GROSSO DO SUL

As últimas chuvas significativas nas regiões centro-sul e leste do estado, onde se concentram a maioria das unidades produtivas, ocorreu em meados de ju-

dução realizam a moagem de forma escalonada, além das cultivares apresentarem níveis de maturação diferentes, o plantio se estende nos meses seguintes.

O ATR médio está estimado em 130,2 kg/t de cana-de-açúcar, aumento de 1,8% em relação à safra 2016/17. Para essa safra, as unidades de produção do Maranhão destinarão 7,8% de todo o ATR para a fabricação de açúcar, produzindo 19,7 mil toneladas do produto. O etanol anidro deverá ser responsável pelo consumo de 79,5% do ATR total, para a produção de 120.285,4 mil litros, e o restante de ATR, cerca de 12,7%, será destinado à produção de 20.050 mil litros de etanol hidratado.

É uma tendência consolidada em Mato Grosso, cuja atual abundância da matéria-prima supre adequadamente a produção do etanol e também do DDG (sigla em inglês para grãos secos destilados) a um custo competitivo.

As lavouras responderam bem ao clima e aos investimentos industriais aliados ao manejo adequado de adubos e fertilizantes, que melhoraram a estimativa de produtividade média da safra 2017/18 para 72.685 kg/ha, número 2,2% superior ao registrado na safra passada, que foi de 71.093 kg/ha. O mesmo não ocorre com o ATR, cuja concentração de açúcares saiu de 154,2 kg/ha no ciclo 2016/17 para 149,1 kg/ha no atual, apesar do clima mais seco, nos últimos meses, favorecer a cultura nesse aspecto. Quanto à produção de cana-de-açúcar, projeta-se volume de 16.940 mil toneladas, número 3,7% maior do que o volume do ciclo 2016/17.

A queda acentuada na cotação do açúcar, desde o início do ano, mudou o mix de produção das unidades produtivas do Mato Grosso. Na atual safra estima-se uma maior produção de etanol de cana-de-açúcar em detrimento à de açúcar. Dessa forma, projeta-se que o volume total de biocombustível produzido fique em 1.224.638,3 mil litros, divididos entre anidro e hidratado, com 586.680,8 mil litros e 637.957,5 mil litros, respectivamente. Em contrapartida, a produção de açúcar deverá cair 1,6%, saindo de 391,2 mil toneladas na safra 2016/17 para 357 mil toneladas na atual.

Iho. Com isso, a colheita está avançada nessas regiões produtoras, dada a possibilidade da entrada do maquinário.



A partir do segundo decêndio de julho a temperatura mínima ficou bem abaixo da normal climatológica, provocando geadas, principalmente nas regiões centro-sul e sul do estado. Há muita variabilidade com relação aos danos causados, bem como no percentual de área afetada pelo agravo climático. Em algumas unidades, a área afetada pela geada foi maior que 50% de toda a lavoura de cana-de-açúcar, com danos variando de baixa, média e alta intensidade. Porém, nas unidades produtivas, localizadas no norte do estado, não houve danos significativos às lavouras.

A cana-de-açúcar recém-colhida e brotada tende a se recuperar da geada, porém para as plantas mais velhas, que ainda não estavam em ponto de colheita, os danos serão mais significativos. Em alguns casos, quando a colheita não foi viável, foi feita a operação de roçada para posterior rebrota. Até julho, os efeitos da geada nas lavouras colhidas não foram significativos, porque já estavam maduras por ocasião da geada. Mas a partir de agosto, os efeitos da geada, do ponto de vista quantitativo e qualitativo na matéria-prima, serão mais pronunciados, quando serão colhidas as lavouras mais novas, afetadas pela geada.

A tendência da redução da produtividade, nessa safra, em comparação com a safra anterior, ocorre devido às condições climáticas adversas, como as geadas, bem

como a redução do aporte tecnológico decorrente da crise econômica que o setor enfrentou e desdobramentos dos problemas decorrentes do excesso de chuvas que prejudicaram as lavouras em 2015. Espera-se que o rendimento seja de 76.394 kg/ha.

As principais pragas que acometem as lavouras são a broca e a cigarrinha. Porém, nesse ano, o período de frio intenso auxiliou no controle natural dessas duas pragas. No caso da broca, as unidades utilizam o controle biológico com *Cotesia flavipes*. Para a cigarrinha, o período de infestação mais severo ocorre no período chuvoso, ou seja, a partir de setembro, apesar de algumas unidades já terem efetuado até três aplicações para o controle do inseto nessa safra. A principal doença que acomete a cultura no estado é a ferrugem alaranjada (*Puccinia kuehnii*), visto que as cultivares mais suscetíveis ao fungo são substituídas ao longo dos anos.

A colheita teve início no final do verão e início do outono, quando as precipitações diminuíram, juntamente com a queda da temperatura, sendo estes, os dois principais fatores de estresse ambiental que favorecem a concentração de sacarose na cultura. Atualmente 43% da área plantada já foi colhida e a tendência é que a colheita termine no final de novembro e início de dezembro, a depender do regime de chuvas a partir de agora.

Figura 30 - Colheita de cana-de-açúcar em Ivinhema-MS



Fonte: Conab.



Figura 31 - Palhada em área de cana-de-açúcar recém-colhida em Ivinhema-MS



Fonte: Conab.

10.11. MINAS GERAIS

De modo geral, o clima foi bastante satisfatório para a safra de cana-de-açúcar, na maior parte de Minas Gerais, pois apesar de o índice pluviométrico ter sido menor em relação à safra passada, as precipitações foram bem distribuídas, suprimindo satisfatoriamente as necessidades da cultura. As chuvas registradas nos primeiros meses do ano proporcionaram melhor acondicionamento do solo, o que foi essencial para o desenvolvimento da cultura. Por outro lado, a estiagem registrada em junho e julho proporcionou condições ideais, tanto para o manejo da cultura quanto para a colheita, além de contribuir para o aumento do índice de ATR e consequentemente da qualidade e rendimento do produto.

Estima-se uma redução de 3,2% na área em relação à safra anterior, o que se deve, em parte, a ajustes de informações. Do total da área de cana-de-açúcar em Minas Gerais, 61% se referem a áreas próprias das unidades de produção e 39% às áreas de fornecedores.

10.12. PARAÍBA

As médias pluviométricas para maio, junho e julho foram acima da necessidade hídrica da cultura da cana-de-açúcar, com médias de 283, 221 e 282 mm, respectivamente. Os níveis ideais de precipitações para esses meses são 150, 180 e 180 mm, respectivamente.

A área de cana-de-açúcar a ser colhida deverá ser de 125 mil hectares, incremento de 13,3% em relação à safra passada.

A prospecção apresentada pelo setor sucroalcooleiro paraibano para a safra 2017/18 é de 6.189,4 mil tonela-

das de cana-de-açúcar, valor 27,5% maior que o observado na safra anterior. A produtividade média deverá ser de 49.535 kg/ha, representando um incremento de 12,5% em relação à safra 2016/17. A boa distribuição e intensidade de chuva, no período de desenvolvimento da cultura, proporcionou o aumento da produtividade.

No primeiro levantamento da safra 2017/18 havia a intenção de colheita em torno de 6% em julho, porém, devido às chuvas ocorridas no período, grande parte dessa colheita foi adiada para agosto, sendo colhido apenas 3,49% em julho.

Em consequência das condições climáticas favoráveis e do manejo adequado da lavoura, na maior parte do estado, houve um incremento de produtividade de 4,7% em relação à safra passada. De modo que a produtividade média do estado está estimada em 78.148 kg/ha.

Apesar da significativa redução de área houve aumento de 1,3% na produção de cana-de-açúcar. Dessa forma, a produção está estimada em 64.513,8 mil toneladas, que deverão suprir bem a demanda das usinas e destilarias de Minas Gerais.

Em relação aos produtos, estima-se um aumento na produção de açúcar em 11,8% em relação à safra passada, de forma que o quantitativo produzido ficará em torno de 4.464,8 mil toneladas. A produção de etanol prevista é de 2.496.344,1 mil litros, 6,1% a menos que na safra anterior.



Em consequência do alto índice pluviométrico registrado no último trimestre, o ATR apresenta uma redução de 9% em relação à safra passada, atingindo o valor de 128,6 kg/t.

As unidades produtivas, no geral, apresentam o direcionamento da moagem em 29,6% para produção

10.13. PARANÁ

A expectativa é de uma área total a ser colhida de 600,8 mil hectares, com produção total prevista de 38.713,5 mil toneladas de cana-de-açúcar, o que corresponde a 2,7% e 8,3%, respectivamente, a menos que a safra 2016/17. A estimativa de produção de açúcar é de 3.015 mil toneladas e de etanol 1.233.809,5 mil litros, sendo 578.922,8 mil litros de etanol anidro e 654.886,7 mil litros de etanol hidratado.

O rendimento está previsto em 64.442 kg/ha, ou seja, 5,7% menor que na safra anterior. Essa redução é reflexo da dificuldade que o setor enfrentou nos últimos anos, com menos investimentos, menos áreas plantadas e a falta de renovação das lavouras - o que provocou o envelhecimento destas.

De uma maneira geral, o clima ajudou no rendimento das lavouras, pois houve chuva no início da safra e, apesar de ter prejudicado a colheita naquela época, colaborou para o crescimento das plantas, assim

de açúcar e os 70,4% para o etanol total, estes, distribuídos em: 46,7% para o etanol anidro e 23,7% para etanol hidratado. Por outro lado, os quantitativos dos produtos para essa safra 2017/18 têm um crescimento de 37,5 mil toneladas de açúcar (20,1%) e 38.458,8 mil litros de etanol total (13,6%), apresentando quantitativos bem acima dos registrados na safra passada.

como a estiagem vem favorecendo a maturação e a colheita. Com isso, várias unidades produtivas, que estavam com o calendário de produção atrasados, conseguiram colocar o cronograma em dia.

Em média, espera-se a obtenção do ATR pelas unidades, na safra 2017/18, de 136,7 kg/t, enquanto que na safra 2016/17 foi de 136,9 kg/t, ou seja, redução de 0,1%.

As áreas de plantio destinadas à renovação e expansão da cultura, na safra 2017/18, deverão totalizar 100,2 mil hectares, enquanto que na safra 2016/17 esse valor foi de 65 mil hectares, ou seja, 35% superior. Se essa previsão for efetivamente realizada, a média de renovação das lavouras ficará em 7 anos, idade que é considerada ideal para a renovação. Ainda assim, a recuperação das lavouras será lenta, já que a ela está atrelada às condições climáticas e financeiras dos grupos.

Como é tradicional no Paraná, a safra será mais açucareira, com aproximadamente 60% destinada à produção de açúcar.

Figura 32 - Cana-de-açúcar em desenvolvimento no Paraná



Fonte: Conab.



Figura 33 - Cana-de-açúcar em maturação no Paraná



Fonte: Conab.

10.14. PERNAMBUCO

Os empreendimentos estão situados na zona da mata e no litoral pernambucano, onde as lavouras de cana-de-açúcar ocupam a quase totalidade das áreas cultivadas da região. Como fatores favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar em Pernambuco, observa-se historicamente precipitações bem distribuídas, clima quente, boa luminosidade ao longo do ano e solos férteis. Porém, o relevo bastante ondulado em grande parte da região produtora e o emprego de tecnologias inferiores àquelas utilizadas na Região Centro-Sul do país, ainda são fatores limitantes para a obtenção de produtividades maiores na região. Associado a isso, percebe-se também uma pequena taxa anual de renovação das lavouras de cana-de-açúcar, o que, na maior parte, implica em lavouras com mais de cinco cortes e, conseqüentemente agravamento da redução dos índices de produtividades.

As previsões climáticas eram de chuvas abaixo da média até junho, em face disso, os empreendimentos sucroalcooleiros estavam receosos em renovar as lavouras de cana-de-açúcar. No entanto, diante do cenário chuvoso que se apresentou a partir de maio, houve uma mudança no planejamento e a tendência é que ocorra aumento significativo na renovação das lavouras, contudo, a quase totalidade das áreas estão sendo renovadas com variedades de ciclo médio a tardio, cuja produção será colhida na próxima safra.

A colheita se inicia na segunda quinzena de agosto, podendo se estender até abril do ano seguinte. A estimativa inicial era que a área colhida apresentasse uma variação positiva de 6,5%, no entanto, após uma

reavaliação por parte dos empreendimentos em relação às áreas cultivadas e diante dos respectivos apontamentos quanto às áreas de renovação, a perspectiva atual é que a área cultivada, nessa safra, sofra redução de 1,2% em relação à safra passada.

Quanto ao rendimento médio, observa-se que as baixas precipitações pluviométricas que prejudicaram a safra passada, também, já haviam impactado negativamente o rendimento dos canaviais da safra atual devido à grande incidência de falhas na rebrota das lavouras, no entanto, as chuvas que ocorreram no último trimestre melhoraram substancialmente a condição das lavouras, as quais, mesmo com a rebrota prejudicada, tendem a proporcionar um rendimento melhor do que o registrado na safra passada, estimando que fique em torno de 49.279 kg/ha. Contudo, a produção de cana-de-açúcar deve ficar praticamente igual ao da registrada na safra anterior, tendendo a um ligeiro aumento de 0,3%.

Em virtude do elevado índice obtido na safra anterior e do atual quadro climático, vislumbra-se uma redução no teor do ATR, no entanto, as condições do clima na época da colheita será o fator preponderante para determinar o grau de maturação da cana-de-açúcar. A estimativa é que o ATR médio seja 11% a menos do que na safra passada, atingindo 122,8 kg/t.

É esperado para essa safra, em comparação à safra 2016/17, uma redução de 6,8% na produção de açúcar e uma redução de 18,2% no etanol total, uma vez que nesse último, a redução se dará principalmente na produção do etanol hidratado.



Figura 34 - Cana-de-açúcar em desenvolvimento em Pernambuco



Fonte: Conab.

10.15. RIO GRANDE DO NORTE

No primeiro quadrimestre de 2017 as precipitações pluviométricas nas áreas de lavouras, que se concentram no leste do Rio Grande do Norte, foram consideradas próximas da normalidade climatológica. Nessa região as chuvas costumam ocorrer com maior intensidade a partir de maio e indo até agosto. Nesse período, confirmou-se as previsões meteorológicas relatadas no primeiro levantamento da safra 2017/18, as chuvas foram consideradas satisfatórias, de maio a julho.

No entanto, em agosto as chuvas diminuíram, apresentando um veranico que, se continuar, poderá influenciar nos níveis de produtividade dessa safra, bem como nas áreas que se encontram em fase de desenvolvimento e crescimento vegetativo. No momento, visando diminuir possíveis impactos nas lavouras, as unidades e parte dos fornecedores começam a intervir com processos de irrigação em áreas onde existe necessidade hídrica.

Para a safra atual se estima uma área plantada de 55,2 mil hectares, contra 48,4 mil hectares da safra anterior, ou seja, um aumento de 14%. Esse aumento é justificado pelo acréscimo do plantio em áreas de expansão, muitas dessas áreas foram recuperadas em razão da exaustão devido aos seguidos anos de estiagem e também pelo aumento da oferta de cana-de-açúcar pelos fornecedores.

A radiação solar, temperatura e água, são fatores importantes para o desenvolvimento da cana-de-açúcar, que influenciam positivamente na fotossíntese, no acúmulo de açúcares e perfilhamento da planta. Nessa safra, tais fatores têm sido favoráveis às lavouras de cana-de-açúcar e associados ao uso correto de fertilizantes, manejo sanitário e à interveniência de práticas de irrigação em áreas onde a escassez de água foi constatada, o que permite estimar uma produtividade maior que a safra passada em 14,4%, ou seja, 46.696 kg/ha na atual safra, contra 40.804 kg/ha da safra passada.

A colheita já iniciou e deve se intensificar a partir de setembro, estendendo-se até fevereiro de 2018. Nesse período, ocorre do ponto de vista fisiológico da cultura, o final do ciclo de crescimento e maturação da cana-de-açúcar, atingindo o máximo de produtividade agrícola, permitida pelas condições de clima e solo da região.

Embora as estimativas apontem para uma produção de açúcar superior à demanda na safra 2017/18, o setor sucroalcooleiro no Rio Grande do Norte, tradicionalmente açucareiro, continuará destinando a maior parte da cana-de-açúcar à produção da *commodity*. O total de 63,2 % da produção de cana-de-açúcar no Rio Grande do Norte será destinada à produção de açúcar.



10.16. RIO GRANDE DO SUL

A estimativa para o Rio Grande do Sul é de manutenção da área plantada, avaliada em 1,1 mil hectares, alcançando uma produtividade de 49.369 kg/ha.

10.17. RONDÔNIA

A área plantada permanece a mesma do levantamento anterior, ou seja, 2,5 mil hectares e, em relação à safra 2016/17, representa uma redução de 26,4%. O motivo da diminuição da área plantada em relação à safra passada, deve-se, exclusivamente, a não renovação de parte dos contratos de arrendamento firmados no passado. De forma geral, nota-se que as áreas mais distantes estão deixando de ser arrendadas, focando o arrendamento em áreas mais próximas e menores, com objetivo de minimizar custos financeiros e melhorar o fluxo operacional da atividade.

A produtividade média de 42.744 kg/ha verificada nesse levantamento é 8,9% inferior ao levantamento anterior. Essa redução se deve, principalmente, à isoporização que vem ocorrendo em parte das lavouras e à falta de tratamentos culturais, assim, deixando de serem

10.18. SÃO PAULO

As condições climáticas atuais, na maioria das regiões produtoras de São Paulo, estão sendo consideradas insatisfatórias. As poucas chuvas que estão ocorrendo são de baixa intensidade e mal distribuídas. Essas condições já se prolongam por mais de cinquenta dias, trazendo prejuízos às plantas em fase de crescimento, bem como às que estão prontas para a colheita.

No entanto, tais condições favoreceram a operacionalização da colheita nas últimas quinzenas. Há um intenso movimento entre a colheita no campo e a entrada de cana-de-açúcar colhida nas unidades de produção. Com o solo apresentando déficit hídrico, existe uma preocupação do setor para se colher o mais rápido possível, tendo em vista a sua crescente perda de água e conseqüentemente perda de produtividade.

Após anos de dificuldades que passaram as unidades de produção, haja visto o elevado número que entra-

A produção deverá chegar a 54,8 mil toneladas. Um número 20,4% maior que na última safra, onde a cultura teve desenvolvimento inferior por consequência da escassez de chuvas.

feitas correções no solo e os controles de plantas invasoras e pragas, principalmente os ataques de cigarrinhas, comuns nas lavouras de cana-de-açúcar cujas áreas anteriormente foram ocupadas com pastagem. Os dados pluviométricos nos quatro primeiros meses do ano informam que as chuvas foram bem distribuídas e satisfizeram a necessidade da planta. A partir de maio, o clima se apresentou muito seco. As chuvas foram interrompidas na segunda metade de junho e, até o momento, não houve nenhuma precipitação, suspendendo o processo de plantio previsto nas áreas de renovação.

A colheita se encontra atrasada. Teve seu início em maio e deve se estender até o final de outubro. Atualmente, cerca de 37% da safra se encontra colhida.

ram em recuperação judicial, agravadas pelas baixas cotações do açúcar, bem como, a estabilidade dos preços internos do etanol, associados a períodos climáticos adversos de safras anteriores, o ano de 2016 trouxe certo alívio a esse segmento devido, sobretudo, a uma recuperação das receitas e nas margens de lucro de seus principais produtos. Entretanto, devido à baixa renovação das lavouras de cana-de-açúcar, acrescida de problemas climáticos no ano passado como seca, geadas e a devolução de terras arrendadas por parte de algumas unidades de produção, diante das dificuldades financeiras, estão entre os fatores que sinalizam, nesse momento, a uma redução de 5,5% na área em relação à safra passada.

As unidades produtoras continuam com seu direcionamento maior à produção de açúcar. O fato se deve a contratos de exportação firmados anteriormente, compromissos que as unidades produtoras haviam pré-fixados quanto ao valor do açúcar.



Figura 35 - Aplicação de vinhaça em Pontes Gestal-SP



Fonte: Conab.

Figura 36 - Colheita de cana-de-açúcar em Matão-SP



Fonte: Conab.

Figura 37 - Cana-de-açúcar a ser colhida em Onda Verde-SP



Fonte: Conab.



Figura 38 - Transporte de cana-de-açúcar em Tanabi-SP



Fonte: Conab.

10.19. SERGIPE

A precipitação ocorrida nas áreas das unidades produtivas foi, em média, de 1.016 mm nos últimos 4 meses, quantidade que proporcionou uma melhora generalizada nas lavouras de cana-de-açúcar em comparação ao mesmo período da safra anterior. Além da quantidade mais próxima das necessidades fisiológicas do cultivo, a regularidade de precipitação proporcionou o bom desenvolvimento das áreas plantadas em fevereiro e março.

As condições das lavouras foram significativamente melhoradas desde o último levantamento por conta das condições climáticas. Contudo, apesar dos eventos climáticos favoráveis ao desenvolvimento do cultivo, foram relatados ataques de cigarrinhas em todas as regiões produtoras e têm sido controladas com a utilização de inseticidas. Enquanto algumas unidades intensificaram, em virtude das chuvas favoráveis, a adubação de cobertura e foliar, outras unidades investiram menos nas áreas próprias.

Com relação à área cultivada, houve revisão dos va-

lores apresentados no último levantamento para 44 mil hectares, sendo 25,6 mil hectares das próprias unidades e outros 18,4 mil hectares de fornecedores. Foram renovados cerca de 2,4 mil hectares e expandidos outros 610 hectares, 100% sobre pastagens, enquanto que a produtividade média esperada é de 39.902 kg/ha.

A produção de cana-de-açúcar foi revisada neste segundo levantamento para cerca de 92,4 mil toneladas, com ATR médio de 134,5 kg/t de cana-de-açúcar. A colheita manual tende a ocorrer na maior parte das áreas, 93,85% da área total. A expectativa é que a colheita ocorra normalmente entre outubro e fevereiro, de forma bem distribuída.

Com relação à destinação da cana-de-açúcar moída, 41,1% será destinada à produção de açúcar, 38,8% à produção de etanol hidratado e 20,2% à produção de etanol anidro. A produção para a safra 2017/18 deverá ser de 92,4 mil toneladas de açúcar, 26.977,7 mil litros de etanol anidro e 54.085,9 mil litros de etanol hidratado.

Figura 39 - Área de cana-de-açúcar renovada em Nossa Senhora das Dores-SE



Fonte: Conab.



Figura 40 - Área de cana-de-açúcar renovada em Capela-SE



Fonte: Conab.

Figura 41 - Cana-de-açúcar em processo de maturação em Laranjeiras-SE



Fonte: Conab.

Figura 42 - Cana-de-açúcar em maturação em Japoatã-SE



Fonte: Conab.



Figura 43 - Área de cana-de-açúcar renovada em Laranjeiras-SE



Fonte: Conab.

10.20. TOCANTINS

As condições pluviométricas se comportaram dentro da normalidade e foram bem mais favoráveis do que as ocorridas na safra 2016/17. As chuvas foram bem distribuídas ao longo da estação.

A área de cana-de-açúcar a ser colhida em Tocantins, nessa safra, será de 30,8 mil hectares, 1,2 mil hectares a menos do que na safra passada, o que representa uma diminuição de cerca de 3,9%. Em relação ao levantamento anterior, houve retração na expectativa de plantio de renovação das lavouras de cana-de-açúcar.

Em resposta ao clima mais estável e às chuvas mais regulares, as lavouras se desenvolveram melhor nessa safra. A expectativa é que se atinja uma produtividade média de 75.267 kg/ha.

A colheita da cana-de-açúcar está avançando normalmente, conforme o esperado, e cerca de 50% da área cultivada já foi colhida. Apesar da área cultivada ter reduzido, o aumento de produtividade deverá compensar essa redução. Assim, a expectativa é que o volume de cana-de-açúcar produzido seja 11% superior à safra passada, atingindo 2.315,2 mil toneladas. Atrelado a essa maior produção, espera-se um ATR também 8,5% maior, dado às melhores condições das lavouras.

Como resultado desses incrementos, a expectativa em relação à produção total de etanol é que haja aumento de 21%. A estimativa é que ocorra incremento de 19,1% do volume de etanol anidro em relação à safra passada, e todo o volume de cana-de-açúcar restante seja destinado à produção do etanol hidratado, o qual deverá registrar um aumento significativo em relação à safra passada, de 75,6% na produção.





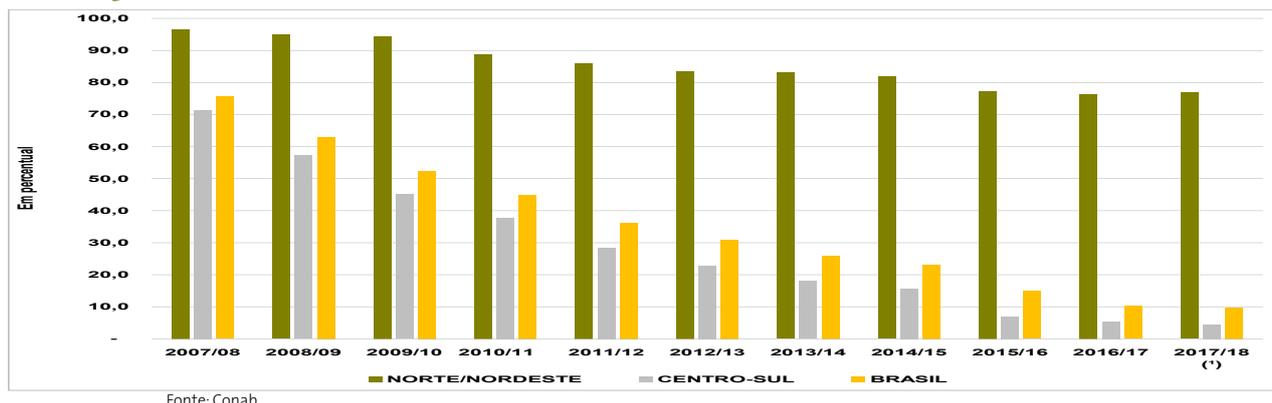
11. SISTEMA DE COLHEITA

A colheita é a última operação do ciclo da cultura e deve ser levado em consideração alguns aspectos inerentes a ela. Neste momento é quando a cana-de-açúcar atinge o final do seu período de crescimento e maturação, atingindo o máximo de produtividade e acúmulo de ATR (açúcar total recuperável).

A colheita é a etapa de produção da cana-de-açúcar que mais sofre mudanças devido às novas exigências socioambientais e à necessidade de redução de custos. O tipo de colheita da cana-de-açúcar pode influenciar a produção e longevidade da cultura, os atributos físicos, químicos e biológicos do solo, o meio ambiente e a saúde pública.

Um dos sistemas de colheita é o manual, onde o trabalhador braçal realiza o corte com ferramenta apropriada, e a cana-de-açúcar é carregada inteira nos caminhões com o uso de guinchos mecânicos. Esse tipo de colheita tem sido menos frequente no país. Nessa safra o percentual de colheita manual é de 4,4% na Região Centro-Sul, onde se concentra a maior parte da produção. Na Região Norte/Nordeste, tanto pelo relevo mais acidentado, quanto pela disponibilidade de mão de obra, este percentual ainda é alto, sendo de 76,8%. Para efeito de comparação, o Centro-Sul já havia atingido um percentual menor na safra 2007/08, 71,5%.

Gráfico 15 - Percentual de colheita manual



Nesse sistema há duas maneiras de colheita, com queima prévia ou não. Geralmente é realizada a queima prévia onde se pretende eliminar a palha. A eliminação da palha antes da colheita evita o transporte desnecessário da lavoura para a unidade de produção, uma vez que será descartado. Além disso, esse manejo afasta animais (abelhas, aranhas, cobras e outros) e reduz o esforço físico despendido na atividade do corte (aumentando a produtividade por pessoa).

Há também o caso da colheita crua, ou seja, sem queima prévia, onde a palha é parcialmente separada dos colmos e deixada na lavoura como cobertura de solo. A colheita manual sem queima dificulta o trabalho, pois reduz o rendimento, o que acaba por inviabilizar economicamente a operação e, além disso, com a relutância dos cortadores em aceitar esse tipo de trabalho, torna-se uma opção inviável. Assim, a alternativa que resta é a colheita mecânica, com o uso de colhedoras especialmente desenhadas para esse fim, sem a necessidade da queima da cana-de-açúcar.

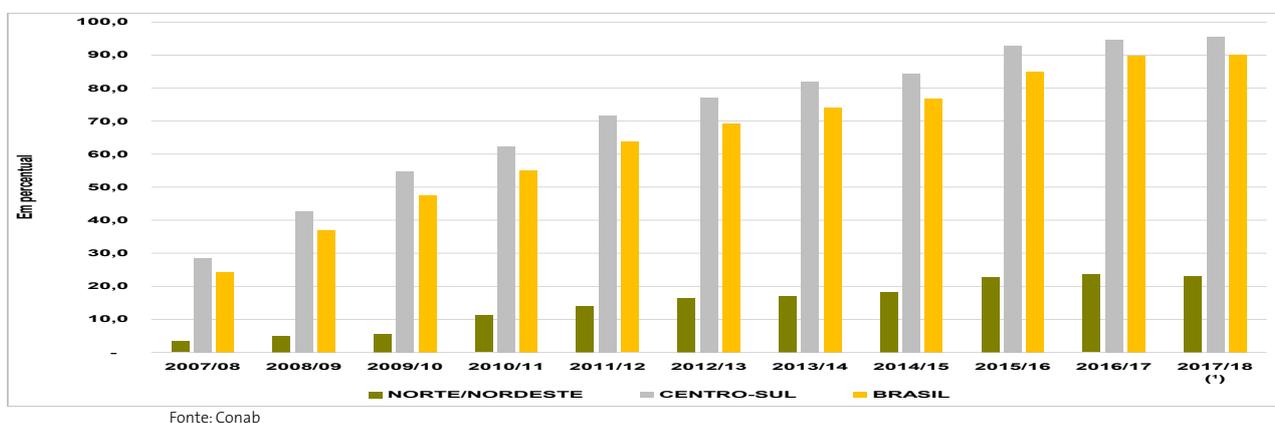
O sistema de colheita mecanizada da cana-de-açúcar está cada vez mais presente nos sistemas de produção no Brasil, onde o transporte da cana-de-açúcar picada em pequenos toletes é realizado por carretas

apropriadas para essa tarefa.

Nesse sistema a colheita é praticamente toda realizada sem queima prévia, uma vez que as folhas, bainhas, ponteiro, além de quantidade variável de pedaços de colmo são cortados, triturados e lançados sobre a superfície do solo, formando uma cobertura de resíduo vegetal denominada palha ou palhada. Observa-se que a colheita de cana-de-açúcar mecanizada e crua não é uma regra, mas quando isso ocorre, o intuito é melhorar o rendimento das colhedoras.

No Brasil, o sistema de colheita mecanizada tem avançado muito nos últimos anos. A Região Centro-Sul, beneficiada por relevo que favorece a mecanização, já ultrapassa os 95% da área total, com o uso de máquinas para colheita. Diferentemente dessa, a Região Norte/Nordeste ainda não ultrapassou os 25% de área total com colheita mecanizada. Em Alagoas e Pernambuco, onde encontra-se 60% da área desta Região, os percentuais são menores ainda, sendo 19,9 e 3,7%, respectivamente, uma vez que as áreas de produção são acidentadas e com declives acentuados e, por outro lado, existe maior disponibilidade de mão de obra.

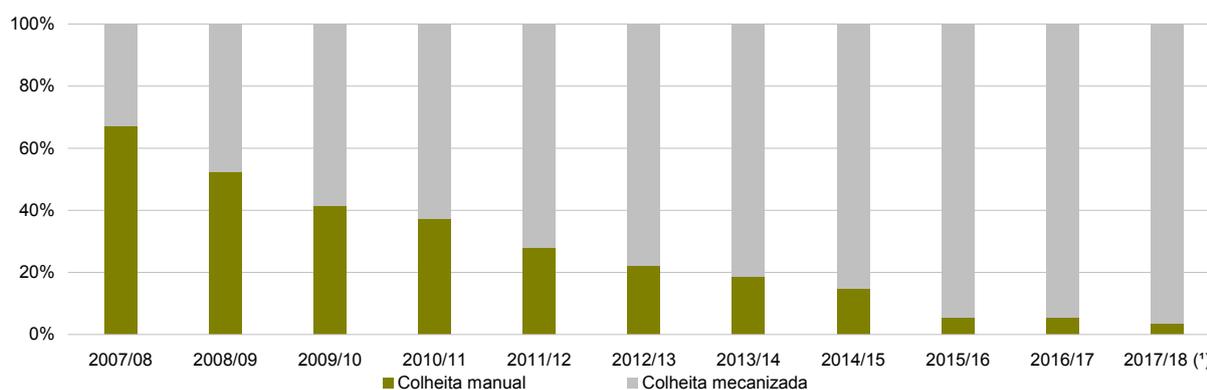
Gráfico 16 - Percentual de colheita mecanizada



Em São Paulo, estado responsável por 51% da área colhida na safra 2016/17, o índice de colheita mecanizada saiu de 33% na safra 2007/08 para 9% na safra 2016/17. A mecanização da colheita sem queima prévia evita a emissão de gases de efeito estufa, beneficia o solo, pois deixa sobre o solo a palha que antes era queimada, protegendo-o contra erosão e contribuindo para o aumento da sua fertilidade e teor de

matéria orgânica. A unidade de produção também se beneficia da intensificação do sistema de colheita mecanizado, uma vez que reduz o uso de água no processo industrial (PROCKNOR, 2002). A limpeza da cana-de-açúcar colhida é realizada a seco, uma vez que o uso de água na limpeza reduz o teor de sacarose nela contida (HUGOT, 1986).

Gráfico 17 - Percentual de colheita manual e mecanizada em São Paulo



Fonte: Conab.

O decreto estadual nº 47.700, de 11 de março de 2003, regulamenta a Lei Estadual nº 11.241, de 19 de setembro de 2002, que determina prazos para a eliminação gradativa do emprego do fogo para despalha da cana-de-açúcar nos canaviais paulistas, sendo de grande interesse agrícola e ecológico, estabelecendo prazos, procedimentos, regras e proibições que visam a re-

gulamentar as queimadas em práticas agrícolas. Nas áreas mecanizáveis (declividade menor que 12%), o objetivo é eliminar a queima total em 2021. Nas áreas mecanizáveis (declividade maior que 12%), em virtude da dificuldade de colheita mecanizada, o prazo para eliminar a queima total é 2031, conforme tabela 7.

Tabela 8 - Prazos para eliminação da queima de cana-de-açúcar

Ano	Área mecanizável	Ano	Área não mecanizável
2002	20% da queima eliminada	2011	10% da queima eliminada
2006	30% da queima eliminada	2016	20% da queima eliminada
2011	50% da queima eliminada	2021	30% da queima eliminada
2016	80% da queima eliminada	2026	50% da queima eliminada
2021	100% da queima eliminada	2031	100% da queima eliminada

Fonte: São Paulo (Estado). Decreto nº 47.700 de 11 de março de 2003. Diário Oficial do Estado, Poder Executivo, São Paulo, SP, 18 mar. 2003, Seção 1, p. 4-5.

O ponto central da discussão sobre esse assunto está na necessidade da queima da palha previamente ao corte quando o sistema é manual, fato que provoca a emissão de gases. No caso da colheita mecânica, essa queima não é necessária, apesar de que se a cana-de-açúcar for previamente queimada, aumenta o rendimento da máquina e facilita o processo.

Nesse caso, ocorre a perda da palha da mesma forma que na colheita manual. As questões ambientais, associadas ao sistema de corte da cana-de-açúcar, se manual ou mecanizado, é um assunto que está na agenda de discussão em vários estados. Isso decorre

do fato que, na colheita manual a queima prévia da palha é essencial para facilitar a tarefa de corte e aumentar em quase três vezes a quantidade diária de cana-de-açúcar cortada sem o uso da queimada, além de reduzir o esforço físico despendido no trabalho. No entanto, a fumaça, os gases e o material particulado que emanam dos incêndios controlados criam problemas ambientais, que têm provocado ampla discussão sobre seus efeitos sobre a saúde da população circunvizinha e a forma de equacionar esse assunto.

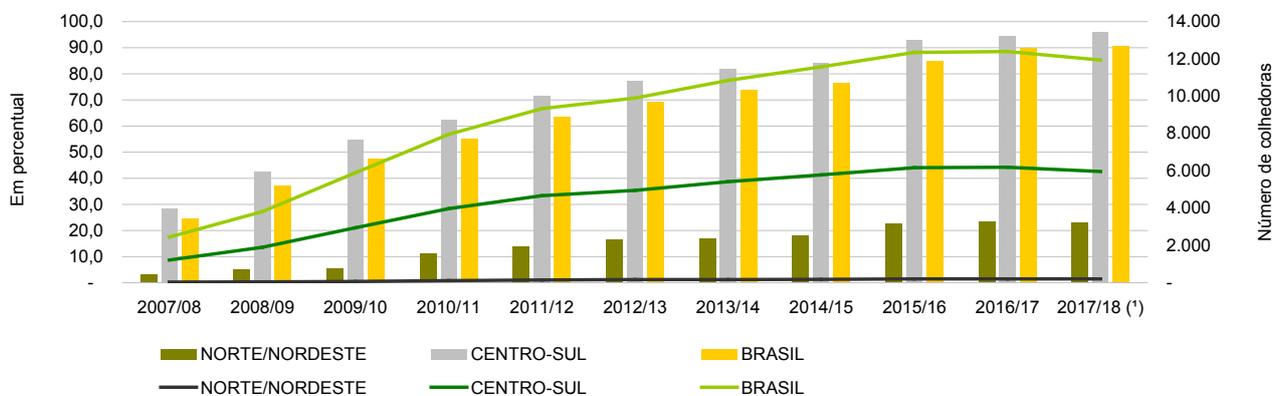
A quantidade de colhedoras em uso chegou a 6.195 na safra 2015/16, número recorde para o país. O aumento



nos últimos nove anos foi de 407,4%, o que equivale a 4.974 colhedoras. Acompanhando a tendência do aumento das áreas com colheita mecanizada, nos últi-

mos anos as unidades de produção investiram muito na aquisição dessas máquinas.

Gráfico 18 - Número de colhedoras e percentual de colheita mecanizada



Fonte: Conab.

As colhedoras são máquinas que eliminam o uso de carregadores, como na colheita manual, uma vez que deposita a cana picada diretamente no sistema de transbordo, que será descarregado na carreta de

transporte para a unidade de produção. As colhedoras são capazes de colher todo o tipo de cana-de-açúcar, tanto a ereta quanto a extremamente acamada, apesar de diminuir seu rendimento operacional.



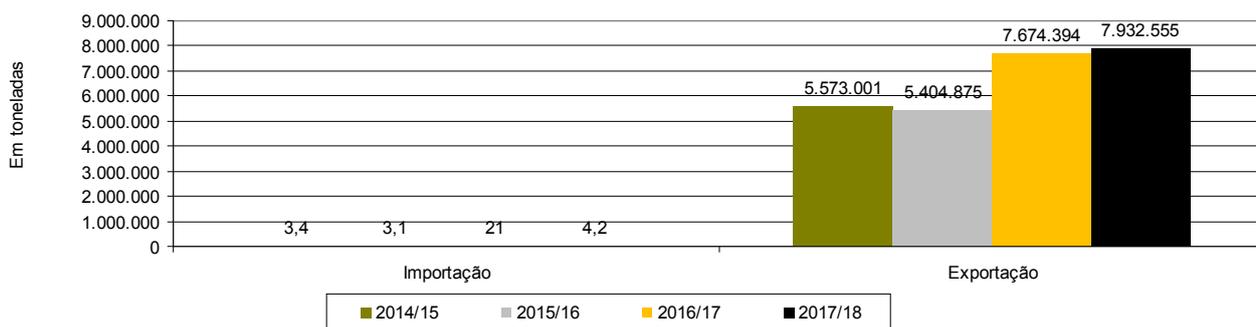


12. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

Os dados da Secex indicam que a importação de açúcar totalizou 7,93 milhões de toneladas no início da safra 2017/18 (abril a julho), 3,4% superior ao mesmo período da safra 2016/17, que foi de 7,67 milhões de toneladas.

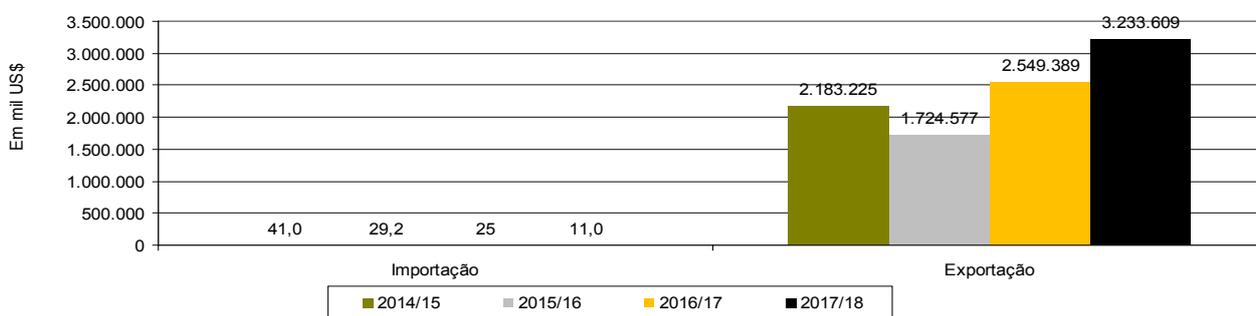
Os embarques continuam altos. Enquanto no primeiro quadrimestre da safra 2016/17 o acumulado foi de 2,55 bilhões de dólares exportados, nessa safra esse valor já atingiu 3,23 bilhões de dólares.

Gráfico 19 - Importações e exportações de açúcar - Absoluto



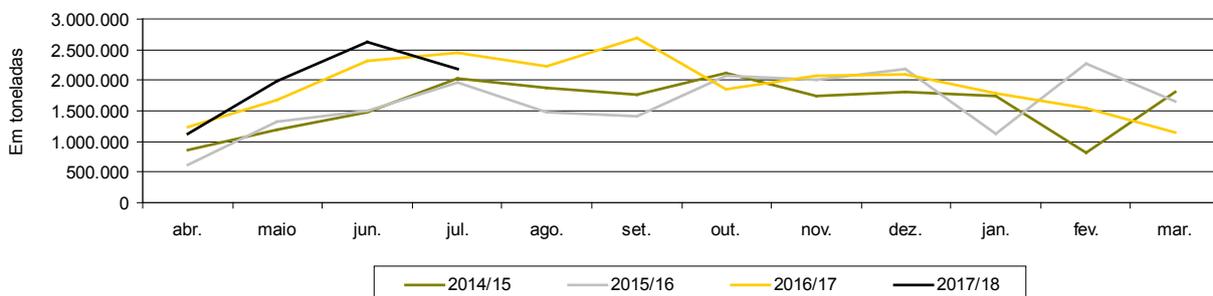
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 20 - Importações e exportações de açúcar - Valores



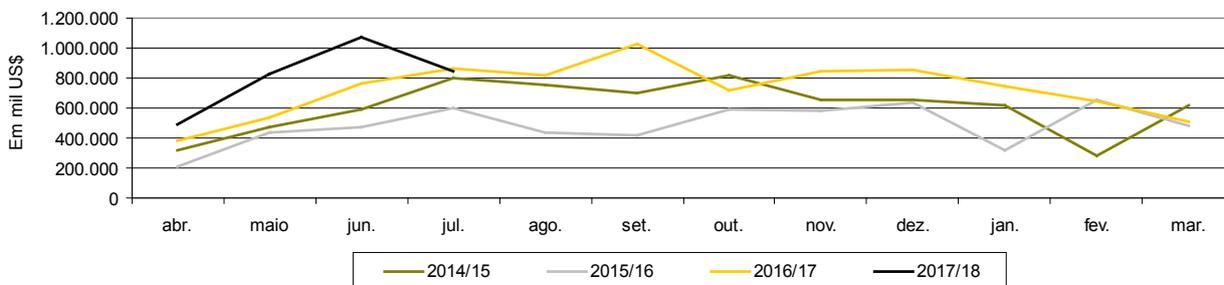
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 21 - Exportações de açúcar - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

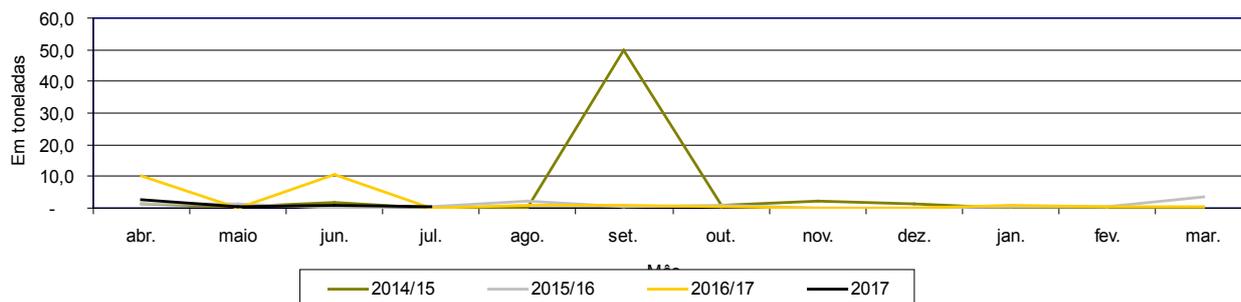
Gráfico 22 - Exportações de açúcar - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

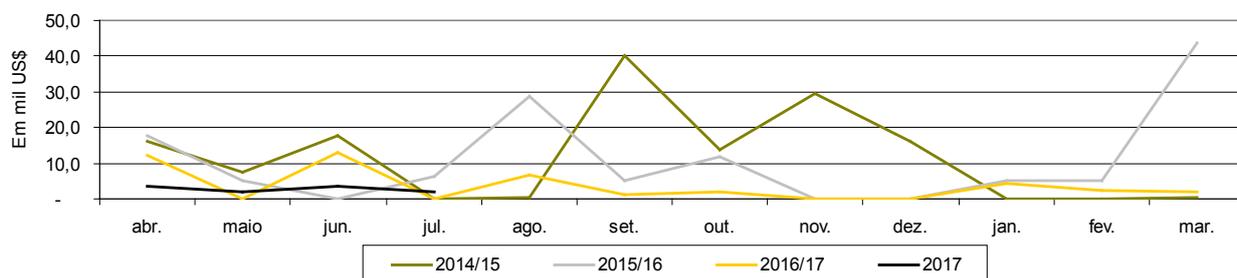


Gráfico 23 - Importações de açúcar - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 24 - Importações de açúcar - Valores

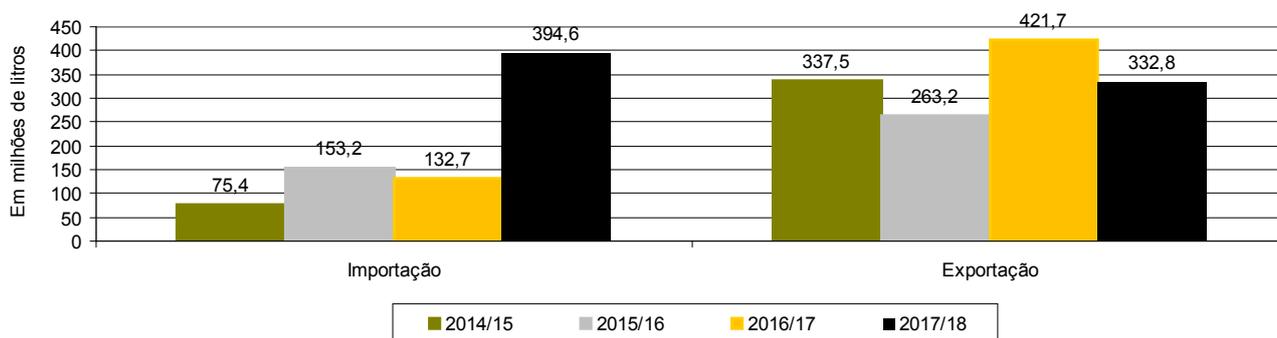


Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Os dados da Secex indicam que, enquanto nas últimas três safras as importações do etanol brasileiro não superaram 155 milhões de litros, no primeiro quadrimestre da safra 2017/18 esse valor chegou a 394,6 milhões de litros.

Já as exportações totais nesse início de safra esá próximo ao que foi realizado nas últimas safras.

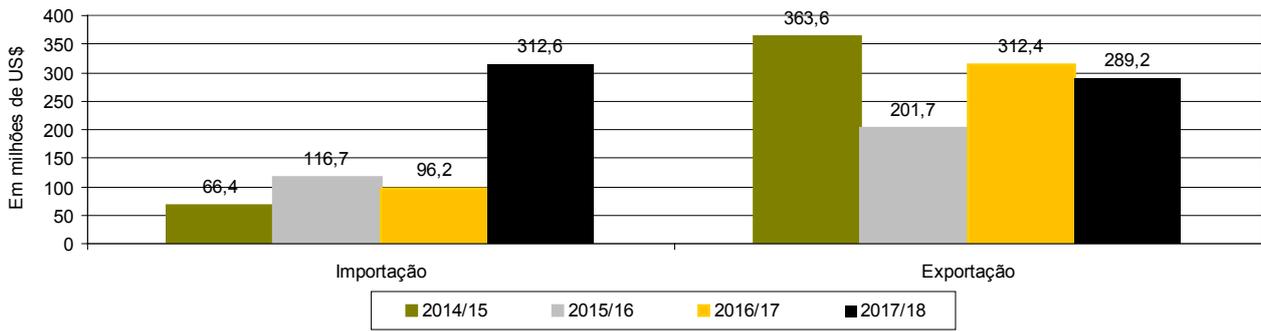
Gráfico 25 - Importações e exportações de etanol – Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

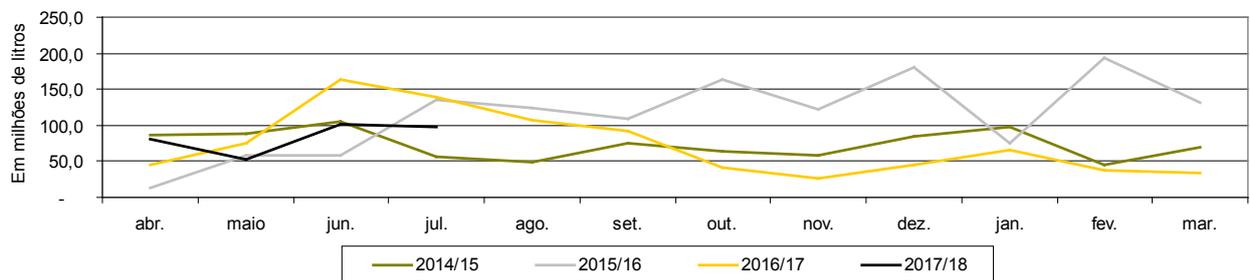


Gráfica 26 - Importações e exportações de etanol – Valores



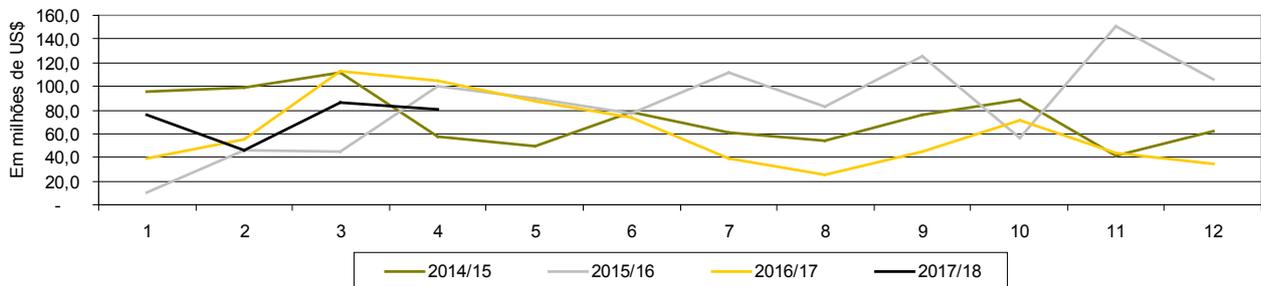
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfica 27 - Exportações de etanol - Absoluto



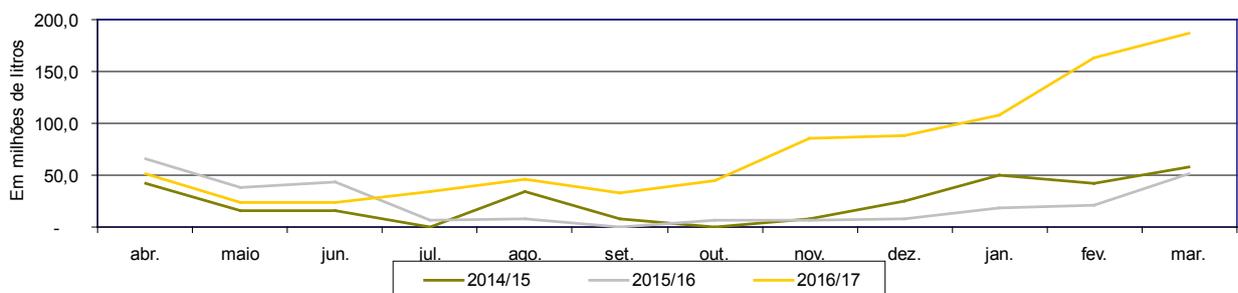
Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

Gráfico 28 - Exportações de etanol - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.

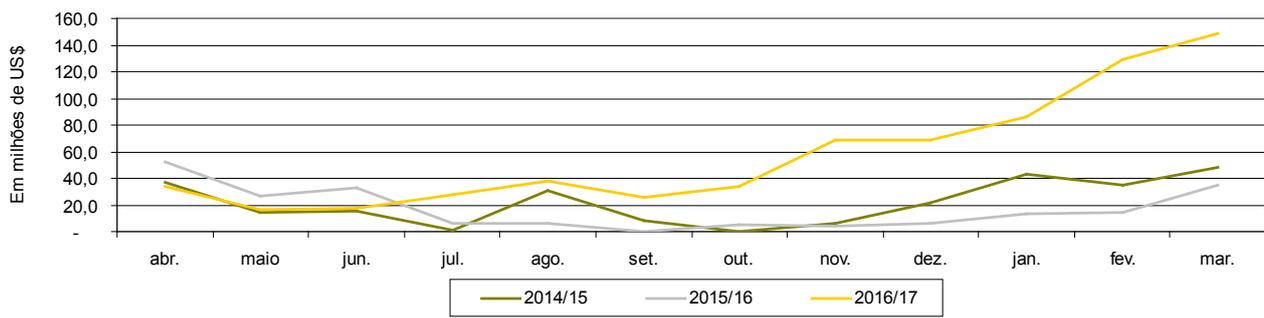
Gráfico 29 - Importações de etanol - Absoluto



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.



Gráfico 30 - Importações de etanol - Valores



Fonte: AgroStat/Secex/MDIC.



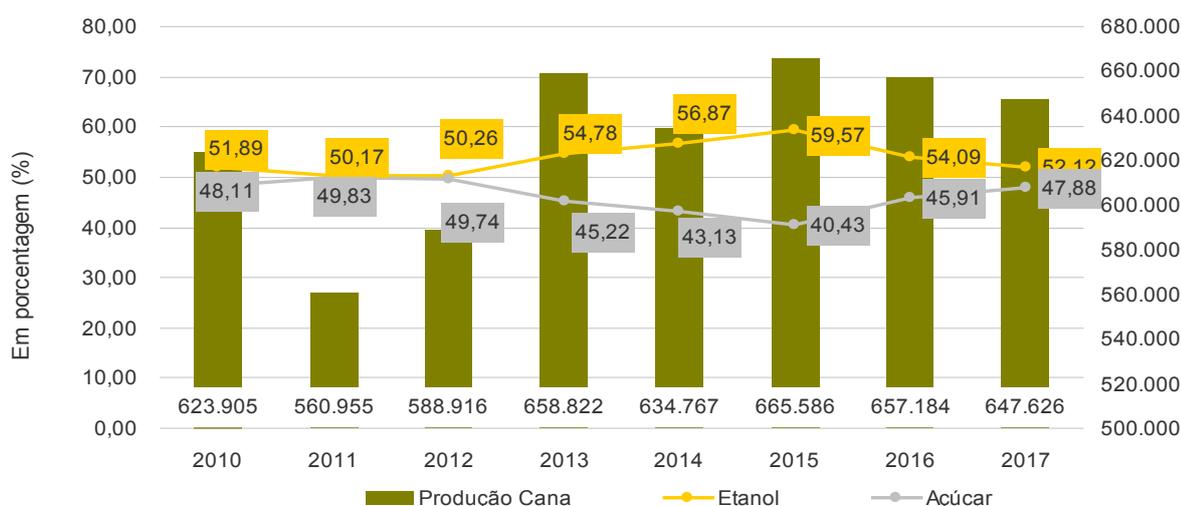


13. OFERTA E DEMANDA

Os resultados obtidos no segundo levantamento de avaliação da safra de cana-de-açúcar 2017/18, realizado pela Conab, indicam que a área destinada a colheita de cana-de-açúcar será de 8,76 milhões de hectares, ou seja, 3,1% menor que na safra passada. O trabalho também apresenta discreta queda na produção, na ordem de 1,7%, com total de 646,33 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, bem como do teor de ATR, com redução na média do Brasil de 0,8% e de volume no ATR total de 2,4%. Quanto à produtividade, a pesquisa revela um aumento de 1,5%, ao valor de 73.728 kg/ha, que deverá compensar, em partes, as perdas de área. A condição climática, caracterizada pelo clima seco até o presente momento, favoreceu a operacionalização da colheita e moagem, contudo, se permanecer o clima seco, poderá interferir de forma negativa a produtividade final.

Quanto à estimativa de destinação da produção total de ATR, observa-se que o percentual designado para a fabricação de açúcar será maior que o do ano passado, de 47,88% contra 45,91%; ao passo que o percentual destinado para a produção de etanol será menor, de 52,12% contra 54,09%. Por duas safras consecutivas, observa-se aumento no percentual de cana-de-açúcar designado para a produção de açúcar devido à maior lucratividade com a venda do adoçante (Gráfico 31).

Gráfico 31 – Produção nacional de cana-de-açúcar e percentual destinado ao etanol e açúcar

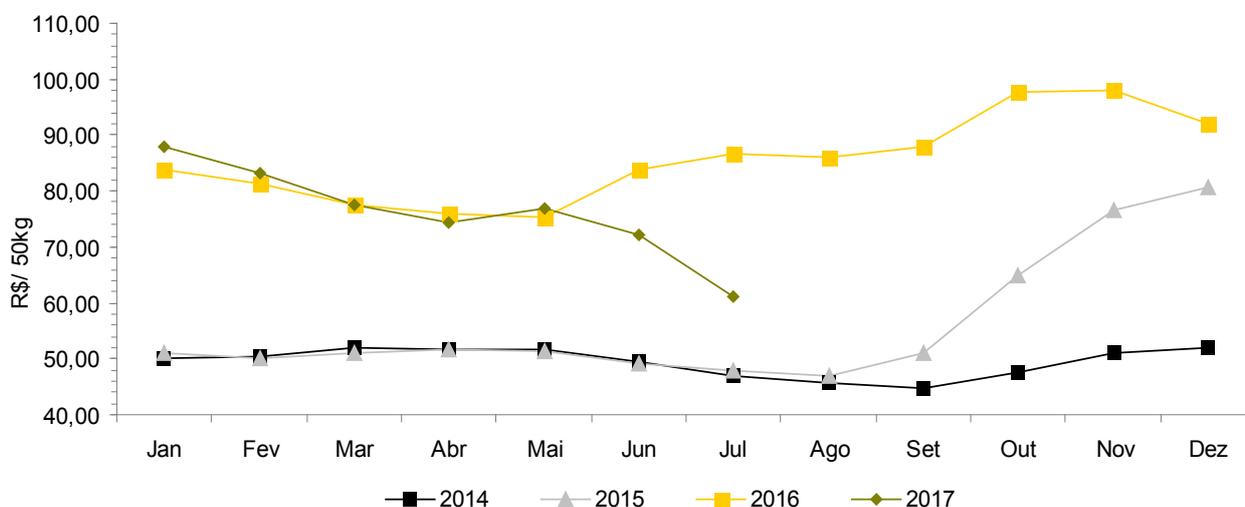


Fonte: Conab.

O aumento da produção de açúcar, para a safra 2017/18, é estimado em 39,38 milhões de toneladas, ou seja, acréscimo de 1,8%. Durante o ano de 2016 as cotações foram recordes, tanto no mercado interno como no externo, foi devido à perspectiva de deficit mundial de açúcar na safra 2016/17. No ano corrente,

os preços vêm apresentando repetidas desvalorizações em suas médias mensais intensificadas pela baixa nas cotações no mercado internacional e pela elevada disponibilidade de oferta de açúcar no mercado interno (Gráfico 32 e Quadro 2).

Gráfico 32 – Evolução dos preços nominais de açúcar cristal - SP



Fonte: Conab.

Vale, contudo, ressaltar que a expectativa dos agentes do mercado é que aumente o consumo de etanol e, com isso, o interesse em expandir sua produção, re-

vertendo a tendência de maior destinação da produção para a fabricação de açúcar.

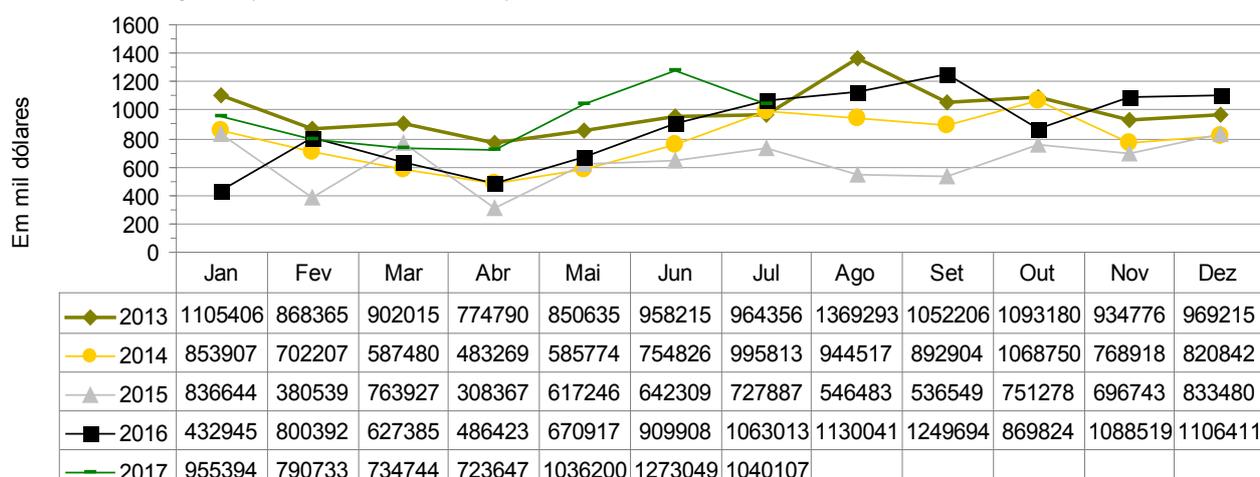
Exportações de açúcar

O volume exportado de açúcar em julho de 2017 apresentou queda mensal de 13% e anual de 8,6%. Foram exportados 2,6 milhões de toneladas de açúcar, ao valor de US\$ 1,04 bilhão. No entanto, nos meses an-

teriores, o quantitativo do produto embarcado apresentou tendência de crescimento, em grande parte, influenciado pela valorização do dólar em relação ao real (Gráfico 33).



Gráfico 33 – Exportações brasileiras de açúcar



Fonte: Secex.

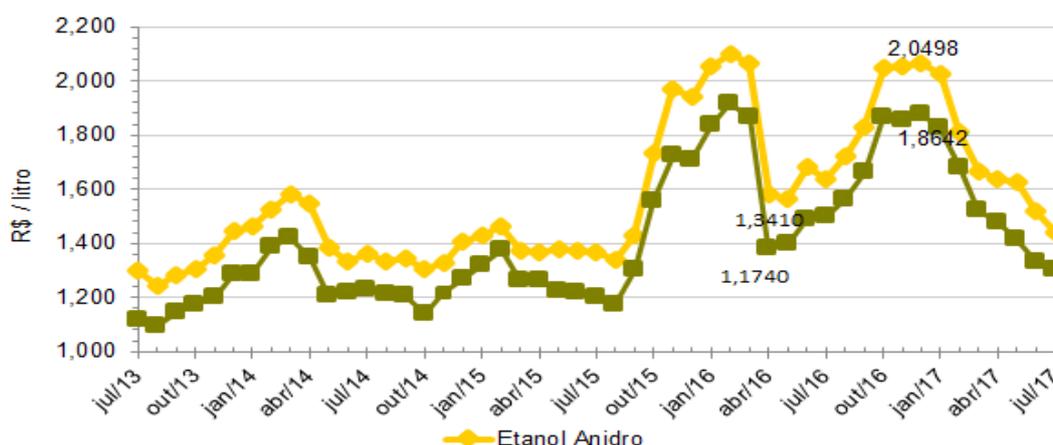
Etanol

Ainda, de acordo com o levantamento de safras da Conab, a previsão é de menor produção de etanol para a safra vigente. Dessa forma, serão produzidos 26,12 bilhões de litros do biocombustível, decréscimo anual de 6%. Desde a safra passada, as usinas vêm destinando menor percentual da produção de cana para a fabricação de etanol devido à maior lucratividade na comercialização do açúcar em detrimento do biocombustível. Em 2016, o açúcar cristal em saca de 50 quilos remunerou 54% a mais que o etanol hidratado,

e 47% a mais que o etanol anidro.

Após um período com aumentos sucessivos nos preços do etanol devido à menor oferta e políticas de taxação de impostos (com o retorno da cobrança do PIS/Cofins), o biocombustível perdeu competitividade em relação à gasolina e, conseqüentemente, diminuindo sua demanda. Com menor demanda, as cotações de etanol passaram a apresentar desvalorização (Gráfico 34).

Gráfico 34 – Evolução dos preços nominais de etanol anidro e hidratado



Fonte: Cepea.



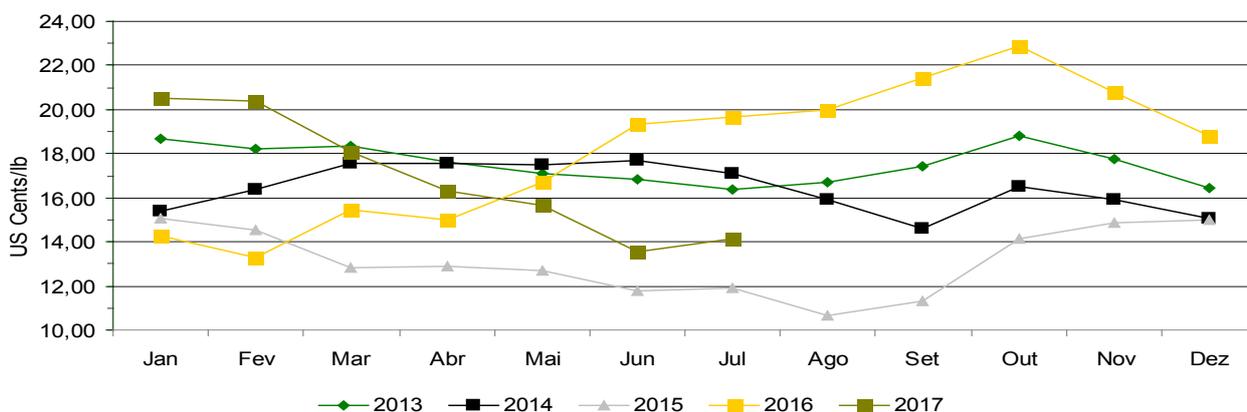
Panorama mundial

O mercado internacional apresentou tendência de retração nas cotações do açúcar demerara de março a junho em virtude da expectativa de um maior volume de produção (superavitária) na corrente safra, após recuperação nas lavouras de importantes players asiáticos e do clima favorável ao plantio no Centro-Sul do Brasil, maior produtor mundial da commodity. Corroboraram também para a desvalorização nos preços, menor demanda por parte da China, grande importador mundial, assim como a alta do dólar em relação às

demais moedas (Gráfico 35).

Em julho essa tendência foi alterada devido ao aumento nos preços do petróleo e ao anúncio de elevação tributária sobre os combustíveis no Brasil, em especial sobre a gasolina, com a perspectiva de um maior direcionamento da produção de etanol em detrimento ao açúcar, diminuindo a oferta brasileira açucareira.

Gráfico 35 – Evolução dos preços do açúcar na bolsa de Nova Iorque.



Fonte: ICE futures US.

Quadro de oferta e demanda

Quadro 2 – Suprimento mundial de açúcar - Safras 2012/13 a 2017/18 - Em milhões de toneladas

Discriminação	Safr					
	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 (1)	2017/2018 (2)
Estoque inicial	35,2	42,3	43,8	45,7	43,8	38,8
Produção de açúcar - Cana-de-açúcar	141,5	142,4	140,6	132,6	133,0	139,2
Produção de açúcar - Beterraba	36,4	33,6	36,6	33,2	37,8	40,3
Produção de açúcar - Total	177,9	176,0	177,4	165,8	170,8	179,6
Importação	51,9	51,5	50,2	53,3	54,5	51,3
Oferta total	264,8	227,6	271,4	264,9	225,3	230,9
Consumo	165,8	167,0	170,2	172,5	171,8	171,5
Exportação	55,1	57,5	54,7	53,7	57,7	59,2
Estoque final	42,3	43,8	45,7	37,9	38,8	38,2

Fonte: Usda.
Elaboração: Conab.
Legenda: (1) Estimativa.
(2) Previsão.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) a produção mundial de açúcar para a safra 2017/18, será de 179,6 milhões de toneladas, visto que a maior parte da produção é de açúcar proveniente da cana (139,2 milhões de toneladas, 77,5% da produção total), Quadro 2.

Para a safra vigente, estima-se um aumento de 5,1% em relação à safra anterior, apresentando o maior vo-

lume na série, demonstrada e comprovando os rumores de uma safra superavitária devido à maior colheita dos principais produtores: Brasil, Índia, União Europeia, Tailândia e China. Ainda, de acordo com o Usda, a previsão do consumo mundial é de 171,5 milhões de toneladas, apresentando pequena variação negativa, se comparado ao consumo observado na safra anterior.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

